

**Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"**

**Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP Marília**

**Relações Internacionais**

**Gustavo Massi Soares**

**O Esporte e sua interação com as Relações  
Internacionais: O Esporte como parte da Diplomacia  
cubana**

**Trabalho de Conclusão de Curso**

**Marília  
20/02/2017**

**Gustavo Massi Soares**

**O Esporte e sua interação com as Relações  
Internacionais: O Esporte como parte da Diplomacia  
cubana**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Conselho de Curso de Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Professor Dr. José Geraldo Alberto Bertoncini Poker

**Marília**  
**20/02/2017**

Soares, Gustavo Massi.

S676e O esporte e sua interação com as relações internacionais: o esporte como parte da diplomacia cubana / Gustavo Massi Soares – Marília, 2017.  
60 f. ; 30 cm.

Orientador: José Geraldo Alberto Bertoncini Poker.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Relações Internacionais) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2017.

1. Esportes e Estado - Cuba. 2. Política internacional. 3. Ideologia. I. Título.

CDD 327.7291

**ATA DA DEFESA DO TCC — TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO — Do ALUNO GUSTAVO MASSI SOARES JUNTO AO CONSELHO DE CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS, REALIZADA NO DIA 20 DE FEVEREIRO DE DOIS MIL E DEZESSETE, DAS 11h00min ÀS 012h30min, NA SALA DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS, CAMPUS DE MARÍLIA.**

Aos 20 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezessete, das 11h00min às 12h30min, na sala 57 da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, no Campus de Marília, realizou-se a arguição e defesa do TCC — Trabalho de Conclusão de Curso — do aluno Gustavo Massi Soares intitulado: **“O esporte e sua interação com as Relações Internacionais: O Esporte como parte da Diplomacia cubana”**. A comissão avaliadora foi constituída pelos senhores professores: Doutor José Geraldo A. B. Poker; Doutora Ana Lucia Gasparoto; Doutor Gabriel C. Salum; foi presidida pelo primeiro professor, por ser o orientador da aluna. O Senhor Presidente, após declarar aberta a sessão, passou a palavra a primeira examinadora, Doutora Ana Lucia Gasparoto. Arguiu, a seguir, o Doutor Gabriel Salum. Após haver a aluno respondido às arguições dos senhores examinadores, observada a duração regulamentar, a Comissão Julgadora, em sessão secreta passou à atribuição das notas, que abaixo são transcritas:

DR. José Geraldo A. B. Poker    \_\_, \_\_    ( \_\_\_\_\_ ).

DRA. Ana Lucia Gasparoto    \_\_, \_\_    ( \_\_\_\_\_ ).

DR. Gabriel C. Salum    \_\_, \_\_    ( \_\_\_\_\_ ).

À vista deste resultado, o(a) aluno(a) foi aprovado(a) com média \_\_, \_\_ ( \_\_\_\_\_ ).

Para constar, eu, Doutor José Geraldo A. B. Poker, lavrei a presente ata, que assino com os membros da Comissão Julgadora. Conselho de Curso de Relações Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências do Campus de Marília, aos dezesseis dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezessete.

Doutor José Geraldo A. B. Poker  
Presidente

Doutora Ana Lucia Gasparoto  
Membro da Banca

Doutor Gabriel C. Salum  
Membro da Banca

*Dedicatória...*

# AGRADECIMENTOS

Primeiramente, Fora Temer! Em segundo lugar, é até difícil acreditar que este momento finalmente chegou. Após 7 anos, estou aqui escrevendo os agradecimentos que contemplam os melhores anos da minha vida. Seria impossível resumir em uma página o quanto eu sou grato a todos que colaboraram para que eu chegasse até aqui, mas algumas pessoas devem ser mencionadas.

Os anos que passei em Marília foram de grande aprendizado em todos os aspectos, tenho a certeza de que saio daqui uma pessoa melhor do que quando entrei. A Faculdade de Filosofia e Ciências não apenas colaborou na minha formação intelectual, mas também moldou muito do ser humano que sou hoje. A convivência dentro do ambiente da UNESP foi fundamental para que eu ampliasse a visão limitada que eu tinha do mundo e a isso eu serei eternamente grato. Agradeço aos funcionários que sempre se colocaram a disposição para que tudo funcione bem, ou pelo menos o melhor possível dentro das possibilidades. Agradeço aos professores pela dedicação em nos ensinar muito mais do que teoria, aonde quer que eu vá daqui para frente, levarei um pouco de vocês comigo.

Eu poderia escrever mil páginas de agradecimento à minha família, e mesmo assim não seria o suficiente, tudo que fui, sou e serei, eu devo a vocês. Aos meus pais, Cynthia e Geraldo, obrigado por me darem todo o suporte, seja ele afetivo, emocional, financeiro, ou qualquer outro, vocês sempre deram tudo por mim, muitas vezes sacrificando algo para vocês, eu não seria ninguém sem vocês. Obrigado! Minha irmã Amanda, a pessoa que mais me compreende e que sempre apoiou todas as minhas escolhas, sejam elas bem sucedidas ou não. Obrigado por sempre estar lá quando eu precisei. Minhas tias, Roseli e Rosemari, agradeço por me tratarem como um filho. Eu amo vocês!

Aos amigos, seria impossível mencionar todas as pessoas incríveis que conheci durante esses anos em Marília. Mas alguns merecem ser citados nominalmente: Créu, Mainá, Mama, Mogli, Mandioca, Doc, Vitam, João, Pedro, Ruivo, Bugatti e Doc. Eu não sei o que será daqui para frente, mas tenho certeza que estaremos juntos.

Durante os últimos anos, muitas pessoas passaram pela minha vida e deixaram sua contribuição, ainda que depois tenhamos seguido por caminhos diferentes. Isso não torna menor o sentimento e as experiências que compartilhamos. Dentre estas pessoas, seria desonesto não mencionar uma. Luara, por mais que estejamos distantes, devo muitíssimo a você, não apenas agradecimentos mas também alguns pedidos de desculpa. Obrigado por ter me ensinado tanta coisa e obrigado pelos

momentos incríveis e perdão pelos momentos não tão bons, eles foram, em grande parte, consequência de escolhas minhas.

Agradeço imensamente a todos os moradores da República Maior de Todas e da República Aliados, as duas repúblicas que me acolheram durante os anos em que estive em Marília. Foram diversos momentos marcantes, muitas festas, algumas discussões, algumas brigas, mas agradeço a todos vocês por tudo que passamos.

Por fim, mas obviamente não menos importante, minha namorada Alessandra. Provavelmente a fisioterapeuta que mais conhece as Relações Internacionais. Obrigado por acompanhar este trabalho desde a sua concepção, por sempre estar disposta a ler os esboços dos capítulos e também opinar, mesmo sendo algo completamente diferente do que você habitualmente estuda. Obrigado pelas horas de apoio quando achei que não ia dar certo, obrigado pelas palavras e conselhos nos momentos difíceis, obrigado por estar sempre ao meu lado, obrigado por ter me ensinado a ser uma pessoa melhor e por tornar meus dias mais felizes. Por tudo isso e muito mais, eu sou grato.

Como eu falei, seria impossível mencionar e agradecer todos devidamente, então deixo aqui meus mais sinceros agradecimentos a todos que participaram e tornaram este momento possível.

Obrigado!

*“Claro que me adiantei. Se o goleiro não fizer isso, ele bate com a cabeça na trave”*

*Marcos, eterno goleiro do Palmeiras, ao lembrar a histórica defesa na cobrança do pênalti de Marcelinho Carioca na semifinal da Libertadores de 2000*



# RESUMO

Este trabalho versa sobre as relações políticas e sociais resultantes do esporte, focando sobre a sua instrumentalização política e na sua utilização como fonte de Soft Power e prestígio internacional perante outros Estados e Nações. O objetivo é comprovar, através de revisão teórica e de exemplos históricos, que o esporte desempenha um papel de enorme influência nas agendas internacionais. Nesta análise foi identificada uma conexão pertinente entre eventos conjunturais históricos e grandes episódios do cenário esportivo, assim como a utilização do esporte pelos Estados como mecanismo de política externa e como forma de inserção e consolidação no sistema internacional.

Palavras-chave: Esporte; Relações Internacionais; Política Internacional

# **ABSTRACT**

This work deals with the political and social relations resulting from sport, focusing on its political instrumentalization and its use as a source of Soft Power and international prestige before other States and Nations. The objective is to prove, through theoretical review and historical examples, that sport plays a huge role in international agendas. In this analysis, a pertinent connection was identified between historical conjunctural events and major episodes of the sports scene, as well as the use of sport by states as a foreign policy mechanism and as a way of insertion and consolidation in the international system

# LISTA DE FIGURAS

# LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro comparativo: Poder Duro e Poder Brando . . . . .	30
--	----

# LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CIGEPS	Intergovernmental Committee for Physical Education and Sport
COI	Comitê Olímpico Internacional
EIEFD	Escola Internacional de Educação Física e Esporte
ELAM	Escola Latino Americana de Medicina
EUA	Estados Unidos da América
FIDEPS	Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Educação Física e do Esporte
FIFA	Federação Internacional de Futebol Associado
INDER	Instituto Nacional de Deportes, Educación Física y Recreación
MINEPS	Conferência Internacional de Ministros e Altos Funcionários para os Esportes e Educação Física
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PFA	Associação Palestina de Futebol
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

# SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A ORIGEM DO ESPORTE MODERNO	16
2.1	As primeiras Olimpíadas	18
2.2	A era moderna dos jogos Olímpicos	20
2.3	As Olimpíadas de 1936	21
3	O ESPORTE A PARTIR DAS TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS	25
3.1	Hard Power e Soft Power	29
3.2	Esporte como fonte de <i>Soft Power</i>	34
4	PAPEL POLÍTICO DOS ATORES ESPORTIVOS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	36
5	O ESPORTE EM CUBA	47
5.1	O Soft Power Cubano e a Diplomacia Social	50
5.2	O papel do Esporte na internacionalização cubana	54
5.3	Conclusão - O esporte como ferramenta política cubana	57
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59

# 1 INTRODUÇÃO

Dentro do universo de estudos na área das Relações Internacionais, temas mais tradicionais nas disputas de poder são colocados em primeiro plano e o papel do esporte é, com certa frequência, deixado às margens pela comunidade científica, sendo muitas vezes tratado como irrelevante. Entretanto, o esporte se faz presente em todos os países do mundo e suas organizações são dotadas de maior representatividade que a própria Organização das Nações Unidas (ONU). O esporte serve como instrumento genuíno de divulgação institucional, como formação uma de imagem externa, de pacificação e conagração mundial, assim como os megaeventos esportivos, como as Olimpíadas, podem significar muito além da superação de limites, recordes atléticos e técnicos, podendo representar a afirmação de poder de um Estado e o embate entre nações, raças e ideologias opostas (VASCONCELLOS, 2012, p.7). O objetivo deste trabalho é chamar a atenção para a pertinência do tema e apresentar uma introdução ao estudo do esporte nas Relações Internacionais.

Alisson e Monnington (2002, p. 107) afirmam “(...) nós podemos notar que os Estados utilizam o esporte de duas maneiras: para venderem-se e realçar suas imagens e para penalizar comportamentos internacionais que eles desaprovam.” O esporte absorve características e nuances de uma sociedade onde se insere, logo, tensões e disputas políticas também são refletidas no meio esportivo. Por diversos momentos na história, foi possível observar que grandes embates da esfera esportiva assumiram um caráter excepcional de disputa entre ideologias antagônicas ou de propaganda de modelos políticos, como as Olimpíadas de 1936, em Berlim, serviram como um palanque para demonstrar a superioridade do povo alemão. As Olimpíadas de 2008, em Pequim, tiveram como um dos propósitos exibir para o mundo o poder financeiro e organizacional do povo chinês, aumentando assim o prestígio internacional do Estado. Ao mesmo tempo, o esporte também serve como manifestação de descontentamento entre Estados. Diversos países boicotaram a participação da África do Sul em eventos esportivos por conta das políticas do *Apartheid*<sup>1</sup>, o mesmo aconteceu durante a Guerra Fria, entre diversos outros exemplos.

Nos exemplos históricos observam-se as inúmeras facetas que o esporte pode assumir dentro de contextos superiores à sua perspectiva, como movimentos internacionais políticos e sociais. O esporte possui o poder de promover a cooperação

<sup>1</sup> O termo apartheid se refere a uma política racial implantada na África do Sul. De acordo com esse regime, a minoria branca, os únicos com direito a voto, detinha todo poder político e econômico no país, enquanto à imensa maioria negra restava a obrigação de obedecer rigorosamente à legislação separatista.

internacional como poucos meios são capazes, o Santos Futebol Clube de Pelé que parou a guerra de Biafra<sup>2</sup>, na Nigéria, é um excelente exemplo deste poder. Quando apoiado em um governo com políticas coesas, o esporte pode ser utilizado como instrumento primário de obtenção de poder e prestígio internacional. Nota-se, ainda, o papel fundamental do esporte ao estreitar laços e como meio de propagação de valores políticos e culturais. Segundo Vasconcellos (2012):

Hoje, com a consolidação dos Estados, a densidade das condições e relações sociais e até as projeções mercadológicas associadas – basta registrar os resultados financeiros e promocionais contabilizados por uma Copa do Mundo ou Olimpíada e o vultoso investimento empresarial no setor esportivo –, em muitas escalas internacionalizadas, a diversidade e o alcance tentacular dos recursos de natureza esportiva que quadram à estruturação social e à divulgação institucional das nações estão magnificados pelo status usufruído pelo esporte em muitos países, independentemente de regimes políticos, sistemas econômicos ou estágios de desenvolvimento. (p. 17)

O presente trabalho busca comprovar e compreender a relevância do tema no âmbito das Relações Internacionais. Para tanto, foi estruturado da seguinte maneira, primeiramente buscou-se fazer um levantamento histórico para que seja possível compreender a forma como o esporte evoluiu deixando de ser apenas uma atividade recreativa a ponto de se tornar um agente ativo no cenário político internacional capaz de influenciar Estados em suas tomadas de decisão. Num segundo momento, foi feito um estudo teórico buscando conceituar as relações interestatais, os conceitos de poder e entender de que forma as principais correntes e escolas das Relações Internacionais enxergam o esporte e sua relevância. Adiante, foi feito um estudo pontuando quais os mecanismos de controle de interesses e de organizações supranacionais de caráter cultural-esportivo, uma vez que, com o processo de institucionalização do esporte e a ascensão destas organizações a um nível global, estas tornam-se também temas relevante para a área de Relações Internacionais. Por fim, foi feito um estudo do caso cubano, um Estado pioneiro na utilização do esporte como ferramenta de promoção internacional. De forma resumida, este trabalho busca demonstrar como os acontecimentos esportivos constituem um válido e conseqüente instrumento para que qualquer país estimule e exponha uma melhor divulgação institucional internacional de suas características, qualidades e potencialidades.

<sup>2</sup> O Santos desembarcou na Nigéria para um amistoso contra a seleção do Meio Oeste, o jogo fez história por ter conseguido interromper, ainda que momentaneamente, a guerra de Biafra, que já durava dois anos na época. A chegada do time santista trouxe um breve momento de paz para o povo da cidade de Benin. A chegada do Peixe foi tão importante que o governador da região, o tenente coronel Samuel Ogbemudia, decretou feriado na parte da tarde. Ele ainda autorizou que a ponte sobre o rio que ligava Benin à cidade de Sapele tivesse a passagem liberada para que todos, indistintamente, pudessem assistir ao jogo.



## 2 A ORIGEM DO ESPORTE MODERNO

O termo “Esporte Moderno” foi utilizado pela primeira vez pelos autores Norbert Elias e Eric Dunning para demarcar a diferença com relação ao esporte antigo e tradicional. Esse termo aparece no livro “A busca da excitação”, publicado em 1986, sendo utilizado para determinar a evolução das práticas recreativas, onde o desempenho físico tem maior importância e observa-se a influência de regras pré estabelecidas, visando um controle sobre as disputas, práticas igualitárias e a segurança dos participantes.

O esporte nos moldes como conhecemos, surgiu e se desenvolveu na Europa por volta do século XVIII, mais especificamente na Inglaterra. Richard Mandell construiu um importante estudo sobre as origens do esporte moderno, Mandell (1984) afirma que para que se consiga uma percepção plena do esporte moderno é necessário que se evite uma abordagem restrita unicamente ao esporte, deve-se observar também as estruturas sociais, econômicas e culturais. Portanto, não é coincidência o fato do esporte moderno ter aparecido primeiramente na Inglaterra, que começava a vislumbrar os efeitos da revolução industrial.

Os avanços nas estruturas do Capitalismo acabaram fazendo com que as instituições dentro deste modelo também evoluíssem. A partir da metade do século XVIII, os ingleses estabeleceram normas dentro do Direito, organizaram os atos constitucionais para regulamentar as eleições, criaram o Oxford Dictionary e estabeleceram regras para os esportes predominantes, como rugby, futebol e ciclismo.

O esporte absorveu do processo de industrialização ideais racionais e sistemáticos, assim como a busca pelo resultado. A origem do esporte na Inglaterra está em jogos e recreações populares, assim como em algumas atividades lúdicas da nobreza britânica. As modalidades esportivas foram concebidas pela regulamentação destas práticas.

No início do século XIX, a aristocracia inglesa era educada em colégios rígidos e extremamente formais, com o objetivo de educar e preparar futuros políticos, empresários e legisladores. No entanto, o tempo livre dos alunos não era regulamentado. Os estudantes faziam o que bem entendessem, muitas vezes se envolvendo com atividades consideradas impróprias e violentas, causando revolta e insatisfação por parte da população. Não demorou para que surgisse a ideia de regulamentar o tempo livre dos alunos. Em 1828 Thomas Arnold assume a direção do Colégio de Rugby, promovendo uma série de mudanças e estabelecendo regras para as práticas esportivas. A linha pedagógica de Rugby foi modelo para o sistema de educação das escolas inglesas, fazendo do esporte componente curricular fundamental que visava

atribuir valores de liderança e disciplina aos futuros dirigentes ingleses. Os princípios do esporte foram rapidamente incorporados pela sociedade, era interessante para a burguesia industrial inglesa que a classe operária incorporasse valores como disciplina, hierarquia e rendimento (SIGOLI, 2004)

Com a difusão do esporte por toda a sociedade inglesa, houve a necessidade de coordenar e regulamentar as práticas esportivas, surgindo assim um importante elemento do esporte moderno, as Associações e Federações. Além das associações a expansão da prática esportiva, criou também uma nova figura ligada ao esporte, surgiu no final do século XIX o espectador.

O esporte como forma de espetáculo foi utilizado como meio de disciplinar os trabalhadores e alienar a classe operária, uma vez que desviava a atenção da grande massa, fazendo com que a realidade política fosse deixada de lado. Um exemplo disso foram as competições organizadas entre as fábricas. Aos sábados após o expediente, os trabalhadores se dirigiam aos estádios para assistir aos jogos entre as fábricas. A tensão natural do esporte gerava entre empregado e fábrica um certo vínculo, criava laços afetivos de fidelidade. Além disso, os empregados que obtiam destaque nas competições gozavam de certos benefícios, como bônus e jornadas reduzidas em função dos treinos. Desta forma desviava-se o foco do trabalhador dos problemas e das questões sindicais. Valter Bracht (2008) criticou a socialização através do esporte, para Bracht a população tende a se engajar e se interessar pelo mundo esportivo, criando ídolos, buscando informações e construindo uma paixão popular em detrimento a uma construção crítica do universo político. Para Bracht (2008) “todo gol comemorado no esporte é, na verdade, um gol contra a classe trabalhadora.”

Grandes estádios foram construídos e milhares de pessoas os frequentavam. Percebendo o crescente interesse da população, a mídia que anteriormente apenas notificava resultados, tratou de criar um novo tipo de jornalismo, dando espaço para entrevistas, crônicas e colunas inteiramente dedicadas ao esporte. Não demorou para que o Estado percebesse o potencial do esporte e também o utilizasse em seu favor. A convocação de seleções nacionais aumentava o sentimento patriótico da população, os Estados incorporaram a mesma estratégia utilizada pelas fábricas poucos anos antes. Neste momento a Inglaterra se firmava como a maior potência global, amparada pela maior frota marinha do planeta e sua elevada produção industrial, os ingleses expandiram suas fronteiras econômicas, exportando, além de seus produtos, tecnologia nos setores textil e ferroviário. Seguindo o mesmo caminho, o modelo esportivo inglês também foi levado ao mundo todo. A estrutura era mantida enquanto características e peculiaridades locais eram incorporadas de acordo com cada sociedade. Desta forma o esporte se tornou um fenômeno por todo o planeta. Foi quando no final do século XIX, o pedagogo humanista, Pierre de Coubertin idealizou o ressurgimento dos jogos

olímpicos gregos.

## 2.1 As primeiras Olimpíadas

No decorrer da história, nota-se a presença de atividades físicas em um número expressivo de civilizações. Observa-se que inicialmente estas atividades possuíam a função de suprir as necessidades vitais do cotidiano e eram exercidas com mais naturalidade. Essas primeiras civilizações caçavam para se alimentar, corriam para fugir de predadores e guerreavam com povos vizinhos pela sobrevivência. Posteriormente as atividades físicas adquiriram um caráter mais lúdico e festivo, podendo ser até mesmo religioso, dependendo da sociedade estudada. Na antiguidade grega os jogos estavam estreitamente vinculados com os cultos religiosos, ainda que também atuassem para manter o preparo físico dos jovens para eventuais guerras. Ainda que possamos traçar um comparativo e associar estas atividades físicas com o que hoje conhecemos como esporte, observa-se que apesar de semelhanças gestuais e continuidade de vocabulário, existem mais diferenças do que semelhanças entre os esportes modernos e os modelos clássicos (ELIAS). O autor afirma que é importante deixar claro e evidenciar as diferenças entre as atividades físicas da antiguidade e o esporte moderno para que não se construa um quadro distorcido de nós mesmos e da sociedade que se pretende estudar, resultando assim, um falso estudo comparativo. Por exemplo, nota-se que a aceitação da violência nos jogos gregos antigos era muito superior, considerando os padrões atuais em modalidades correspondentes. O fator da violência é mais do que um dado isolado, é uma característica do perfil de organização da sociedade grega. O monopólio do uso da força e da violência por parte dos Estados é uma característica contemporânea, a presença da violência nos jogos reflete uma característica grega, onde ainda não existia a concepção de que o Estado deveria manter o controle sobre os meios de violência.

Observa-se que a importância dada ao corpo também nos difere dos gregos. A aparência física de um indivíduo desempenhava um papel determinante na sua posição social. Um indivíduo com um corpo deficiente não chegaria jamais a exercer um cargo de elevado poder social ou político. Os gregos avaliavam o potencial físico desde a infância, não havia interesse em homens que não poderiam lutar, portanto era uma prática comum abandonar recém nascidos com deficiência física.

Os gregos possuíam um termo que representava o seu ideal, era o termo “*arete*”, muitas vezes traduzido como virtude, no entanto este termo não se relaciona com a moral dos indivíduos, mas sim como a sua capacidade física e habilidade de desempenhar sua função, o homem com a “*arete*” deveria ser seguido como exemplo pela sociedade. A maioria dos vencedores dos jogos ganhavam a honra de serem

representados através uma escultura em Olímpia.

Para os competidores, principalmente os que competiam em Olímpia, vencer nos jogos representava muito mais do que status, uma vitória os colocava como aptos perante a sociedade de assumir uma posição elevada. A maior parte dos competidores pertencia a famílias de alto poder aquisitivo e proprietárias de terras, em algumas poucas ocasiões indivíduos de classes mais pobres conseguiam competir, uma vez que a participação nos jogos demandava bastante tempo, treinamento e, conseqüentemente, dinheiro.

Pouco se sabe sobre o início dos jogos, muitas vezes a lenda se confunde com a realidade e existem divergências sobre as origens dos jogos olímpicos. O mais provável, segundo diversos pesquisadores, é que os primeiros jogos tenham ocorrido em 1453 a.C, configurados ainda como cerimônia religiosa e não como prática esportiva. Os jogos olímpicos estruturados como atividades físicas e competitivas foram realizados de 776 a.C até 393 d.C. Segundo Vasconcellos, os primeiros jogos ocorreram devido a uma iniciativa de Ífito que desejava celebrar a paz estabelecida com Licurgo, rei de Esparta. Ífito seguiu um conselho de sua sacerdotisa. Os jogos buscavam a proteção dos Deuses frente às invasões bárbaras e peste que assolava o Peloponeso.

A partir do século II a.C, com a conquista da Grécia pelo império romano, os jogos olímpicos começam a ter sua importância diminuída. Para os romanos o esporte tinha uma função de entretenimento, nesse contexto a plateia recebia mais atenção do que o atleta. As grandes arenas eram utilizadas como instrumento de manipulação das massas e meio de propaganda política. Durante os jogos romanos, que podiam durar meses, havia a distribuição de alimentos para a população, foi nesse contexto que surgiu a famosa expressão “Pão e circo”, criada pelo poeta romano Juvenal, por volta do ano 100 d.C:

“Já por muito tempo, desde quando nós não vendíamos o nosso voto para apenas uma pessoa, o Povo Romano tem abdicado de nossos deveres; pois o Povo, que uma vez distribuía os comandos militares, os altos cargos públicos, as legiões, enfim, tudo, agora se auto-restringe e ansiosamente espera somente duas coisas: pão e circo” (Sátiras, X, 77-81).

Em 393 d.C Teodósio I, um imperador cristão, acaba com os jogos olímpicos por considerá-los pagãos. Além disso, Teodósio ordenou a destruição de Olímpia e de todas as instalações esportivas.

## 2.2 A era moderna dos jogos Olímpicos

Segundo Vasconcellos (2012), a restauração dos jogos Olímpicos deve-se em grande parte aos interesses e estudos de Pierre de Coubertin. Seguindo os estudos de Thomas Arnold, que acreditava ser possível evitar o engajamento juvenil nas causas sociais através do esporte, o barão de Coubertin acreditava que poderia evitar hostilidades entre os países europeus e manter a harmonia através de manifestações olímpicas internacionais. Em 1892, durante uma palestra na Universidade Sorbonne, em Paris, o barão de Coubertin apresentou um estudo sobre "Os exercícios Apêndicesfísicos no mundo moderno". Na ocasião, Coubertin mostrou o projeto de recriar os Jogos Olímpicos.

Em 1894, durante um Congresso que deveria deliberar sobre o amadorismo, Coubertin conseguiu incluir o reestabelecimento dos jogos como parte do debate. O Congresso acabou mudando completamente seu foco e passou a discutir a renovação dos jogos olímpicos quase que exclusivamente. Foi então que, através do poder de convencimento de Coubertin e dos demais congressistas, ficou estabelecido que as primeiras Olimpíadas modernas ocorreriam em Atenas e Paris, nos anos de 1896 e 1900 respectivamente, e a cada 4 anos seriam escolhidas novas sedes. Nesse mesmo ano foi criado o Comitê Olímpico Internacional (COI).

Para Coubertin o movimento olímpico e o COI eram organizações independentes e desvinculadas do mundo político, com objetivos voltados unicamente para promover o esporte e a harmonia no mundo, no entanto, os jogos fizeram com que os povos criassem uma ideia de representatividade nacional, surgindo então um sentimento patriótico tanto nos atletas que compunham as delegações, como nas populações participantes. A mídia percebendo o poder de atração dos jogos, passou a noticiar ainda mais os feitos do universo esportivo, aumentando o alcance do jogos. As Olimpíadas foram concebidas como eventos grandiosos, com cerimônias de abertura e encerramento, rituais simbólicos, entrega de prêmios, etc. Nota-se em todas essas passagens exaltação da pátria, seja na exibição das bandeiras, execução de hinos ou desfile das delegações. Os Estados não demoraram a perceber o poder convocatório e nacionalista do movimentos esportivos internacionais e logo passaram a destinar grandes investimentos na preparação esportiva, visando o prestígio alcançado com as vitórias esportivas. Os jogos Olímpicos idealizados por Coubertin, que deveriam servir apenas ao próprio esporte, tiveram seus elementos usurpados pelos Estados, que passaram a se utilizar do esporte como meio de promoção política internacional de seus respectivos regimes políticos (SIGOLLI).

## 2.3 As Olimpíadas de 1936

Foi exposto até aqui que poucas ferramentas possuem tamanho apelo e conexão com grandes massas como o esporte, devido à sua linguagem universal e valores adaptáveis com facilidade, o esporte se transformou em uma poderosa ferramenta de expressão política no cenário internacional. Para compreender de que forma este processo ocorre pode-se citar um caso bastante emblemático, as Olimpíadas de 1936 em Berlim, na qual Hitler se utilizou deste evento como plataforma ideológica e meio de propaganda do regime nazista. O objetivo principal foi mostrar a Força do novo Estado alemão, a capacidade de organização e, principalmente, a tentativa de demonstrar a superioridade da raça ariana.

Quase um século antes das Olimpíadas de 1936, o povo que viria a se tornar alemão, devido às ideias românticas de Goethe, rompeu com os dogmas iluministas da razão e com esquemas que regulavam as relações individuais, sociais, políticas e morais. Os pensadores alemães exaltavam a noção da liberdade moral como muito superior à definição francesa de liberdade em termos meramente políticos (STACKELLBERG, 2012). Com novos ideais, o povo germânico precisava de uma figura capaz de promover a unificação nacional e liderar este povo a glória, uma vez que, os alemães, segundo as crenças arianas, eram predestinados e enviados pelos deuses para comandar os outros povos. Com apoio da maioria dos nacionalistas liberais e devido à sua liderança carismática, Otto Von Bismarck conseguiu promover, através de uma sucessão de guerras vitoriosas, a unificação nacional. A última delas contra a França, entre 1870 e 1871, marcou historicamente a rivalidade entre franceses e alemães, quando, após a vitória, no Palácio de Versalhes, antiga sede da monarquia francesa, Guilherme 1º foi coroado o primeiro kaiser da Alemanha unificada.

Com a derrota na primeira Guerra, veio o famoso Tratado de Versalhes que, além de conter fortes sanções econômicas, feriu profundamente o orgulho do povo alemão.

O Tratado de Versalhes e as demais imposições implantadas pelos aliados vitoriosos fizeram, novamente, a identidade da Alemanha cair em depressão. A nação foi obrigada a ceder treze por cento de seu território, a cindir a dinastia imperial, a separar-se da Áustria. Foram impostos a desmilitarização e o pagamento de indenizações para os países envolvidos no conflito. A transição da monarquia para a república foi inspecionada pelos países aliados e assim foi criada a República de Weimar. (FERREIRA, 2002, p.103)

Com o orgulho ferido e com a autoestima abalada, o povo alemão enxergou no Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, popularmente conhecido como Partido Nazista, uma solução, um discurso reconfortante. O nazismo, que se

caracterizava como um modelo político de extrema direita intensamente nacionalista, xenófobo, que incitava a violência militar e policial, antiliberal, antidemocrático, anti-proletário e antisocialista. encontrou um solo fértil após as humilhações sofridas com o Tratado de Versalhes (MOSTARO, 2012). Neste momento surge a figura de Adolf Hitler, um líder extremamente carismático frente à população e com ideais totalitários, semelhantes aos do Fascismo italiano. Segundo Mostaro, a fraca democracia de Weimar<sup>3</sup> perdeu popularidade ao esvaziar o poder histórico do Exército, dos grandes proprietários rurais e das classes industriais mais abastadas. Enquanto isso, a classe média se mostrava bastante assustada com os avanços ideológicos da esquerda, abrindo caminho para que Hitler conseguisse se estabelecer como a principal voz alemã.

Somada às questões internas, a grande crise de 1929 também serviu como combustível para que o chamado idealismo alemão se propagasse ainda mais. Hitler chegou ao poder em 1933, pregando que o Estado alemão somente se salvaria com uma Alemanha forte e totalitária. O cerne ideológico de Hitler se assemelhava bastante ao de Bismarck, os alemães acreditavam que “na titânica luta entre as forças da luz e das trevas, o bem e o mal, o espírito e as riquezas, a salvação do mundo estava supostamente nas mãos da raça alemã” (STACKELBERG, 2002, p.80)

Em 1931, dois anos antes da ascensão de Hitler ao poder, Berlim se colocou como candidata a sede dos jogos de 1936 e, com a promessa de uma infraestrutura nunca antes vista, ganhou, fato que não poderia ser alterado mesmo com o turbilhão político e social instaurado. O governo alemão via nos jogos uma oportunidade para reduzir as pesadas críticas mundiais sobre suas políticas domésticas, como a alarmante perseguição aos judeus.

A Alemanha cumpriu sua promessa de fornecer uma estrutura grandiosa e nunca antes vista. Neste período da história, a sede que escolhida para as Olimpíadas deveria sediar também os jogos de inverno, logo, entre 2 e 16 de fevereiro de 1936, a Alemanha realizou, em Garmisch-Partenkirchen, os Jogos de Inverno, evento que serviu de teste para as Olimpíadas e como forma de tranquilizar a opinião internacional. A imprensa e as delegações foram bem recebidas pelo governo alemão, as placas ofensivas aos judeus foram retiradas e o governo assumiu um discurso de oficial de que as Olimpíadas eram dos atletas e não do Governo, mas na verdade, esta foi a Olimpíada de um Governo. (MOSTARO, 2012)

Os jogos olímpicos de Berlim contaram com a presença de cinquenta países e quase 5.000 atletas, dos quais 328 mulheres, todos números recordes. Pela primeira

<sup>3</sup> A República de Weimar foi o período da história alemã compreendido entre os anos de 1919 e 1933, entre o fim da I Guerra Mundial e a ascensão do partido nazista ao poder. Os acontecimentos históricos deste período são resultado da reação de setores da sociedade alemã à derrota na I Guerra Mundial e influenciaram a eclosão da II Guerra Mundial.

vez, a tocha olímpica foi levada de Atenas para a sede dos Jogos.

Hitler tratou pessoalmente das principais questões organizacionais do evento, sua intenção era mostrar ao mundo, através da recepção aos países e dos resultados esportivos, a superioridade da raça ariana e as maravilhas conquistadas após o ressurgimento alemão com o partido nazista. Com este objetivo em mente, Hitler convocou o Ministro da Propaganda, Paul Joseph Goebbels, para que este articulasse a publicidade dos jogos. O exército foi convocado para auxiliar nas obras das arenas esportivas e da imponente Vila Olímpica. As obras garantiram, ainda que temporariamente, um emprego para os milhares de desempregados do país, aumentando ainda mais a popularidade do líder nazista.

A máquina do Estado Nazista organizou a melhor edição dos Jogos Olímpicos até então. A população foi orientada a receber bem os participantes. Os hotéis e restaurantes receberam a determinação de atender bem a todos relevando os preceitos racistas. Os jornais e boletins oficiais de perseguição aos judeus foram recolhidos. Os cartazes antisemitistas foram retirados dos locais públicos. O Exército e a Polícia Nazista S.A. ocuparam Berlim durante os jogos. A cidade foi decorada com bandeiras e pinturas ostentando os aros olímpicos e a suástica nazista. Hinos nazistas e olímpicos eram entoados a todo tempo nos alto-falantes instalados pela cidade. Imagens dos jogos foram reproduzidas em telões espalhados pelas praças de Berlim. Durante os jogos, todas as ações exaltavam a ordem e a glória do governo nazista do III Reich. As cerimônias, desfiles e uniformes deixavam a impressão militar e belicosa aparentes. (SIGOLI; DE ROSE, 2004, p.114)

Em seu livro "*Mein Kampf*", Hitler ressalta a importância do esporte e da educação física, uma vez que 6 milhões de corpos saudáveis e bem condicionados poderiam vir a representar um exército forte. O culto ao corpo perfeito era bastante semelhante que ocorria nas antigas sociedades gregas. O Estado influenciava diretamente na formação física da população, principalmente na fase do serviço militar obrigatório, onde o Estado moldava seus soldados para que seus "corpos construídos" estivessem dentro do que a ideologia nazista pregava: os arianos puros descendentes e herdeiros da beleza helenística (FERREIRA apud MOSTARO). Inclusive a Vila Olímpica de Berlim foi construída com uma arquitetura inspirada na Grécia Antiga.

Um corpo treinado pelo Estado, devia servir ao Estado. Hitler desenvolveu um ideal na população de que valores individuais sempre deveriam ser submetidos aos valores coletivos, Nas palavras do líder alemão, "A concessão do título de cidadão exige um solene juramento em relação à coletividade e ao Estado. Nesse título deve ser inscrito: Deve ser uma honra maior ser varredor de rua em sua Pátria do que rei em país estrangeiro".



A Lei de Nuremberg<sup>4</sup>, promulgada em 1935, realizou um trabalho de higienização social de acordo com os padrões nazistas de perfeição, no entanto, o tratamento dado aos "não arianos" foi ainda mais repressivo no período que antecedeu aos jogos. Poucas semanas antes das Olimpíadas, Gretel Bergmann, uma atleta judia de salto em altura, foi notificada que estava fora dos jogos. Gretel tinha uma das melhores marcas do mundo, no entanto, uma medalha conquistada por uma judia não serviria aos propósitos alemães de provar a superioridade da raça ariana. O mesmo ocorreu com outros atletas judeus, negros e ciganos, assim como as pessoas e símbolos não arianos foram retirados de Berlim e de seus arredores. A ideia era passar a imagem que todos eram respeitados, independente de crença ou etnia. No dia 1º de agosto Hitler abriu os Jogos Olímpicos.

Mostaro afirma que até as Olimpíadas o povo alemão estava sendo preparado no campo das ideias, trabalhando a ideologia que levaria o povo alemão em busca de seu espaço vital e, conseqüentemente, em direção a guerra. Através dos discursos inflamados e persuasivos do Führer<sup>5</sup>, o povo alemão se unificou em um só ideal. As Olimpíadas serviram para que a base ideológica desenvolvida saísse do campo das ideias e se tornasse algo prático. Com os jogos, a Alemanha mostrou seu ressurgimento e sua força, orgulhando os alemães e amedrontando o resto do continente europeu.

---

<sup>4</sup> No dia 15 de setembro de 1935, Adolf Hitler estava reunido com os demais membros do Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores em Nuremberg por ocasião de seu sétimo congresso anual. Em uma sessão extraordinária foram adotados alguns textos que Hitler sugeriu, entre eles estavam: a Lei da Bandeira do Reich, a Lei da Cidadania do Reich e a Lei da Proteção do Sangue e Honra Alemães. Esse conjunto de leis formava o que ficou conhecido como as Leis de Nuremberg. A adoção das Leis de Nuremberg fundamentavam toda a ação e a ideologia do nazismo, o que inclui a perseguição aos judeus na sociedade alemã. As leis determinavam a segregação racial, a proibição da união matrimonial, da coabitação, de relações sexuais e qualquer outro tipo de relacionamento do povo alemão com os judeus.

<sup>5</sup> Termo utilizado por Hitler para designar a si mesmo como líder da Alemanha. Em tradução literal do alemão, significa "o condutor".

### 3 O ESPORTE A PARTIR DAS TEORIAS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Para que se possa entender e analisar o esporte a partir da perspectiva das Relações Internacionais, é preciso entender o esporte como um agente universal, como uma invariante cultural de caráter internacional. Neste trabalho o esporte é considerado primeiramente como um fenômeno cultural, na medida em que é construído de forma sociocultural, refletindo características e nuances de uma sociedade. Os indivíduos percebem as atividades esportivas de acordo com suas próprias realidades sociais. Sendo assim, o esporte, dentro de cada contexto, absorve características presentes no meio e na estrutura social.

Habermas define o esporte como um fenômeno sócio-cultural que transmite valores de acordo com o sentido dado à prática, exercendo influência sobre hábitos e comportamentos em nossa sociedade. Toda manifestação cultural carrega um significado formativo que é compartilhado por determinada comunidade ou grupo (HABERMAS, 1987).

Entretanto, antes de se iniciar uma análise do esporte como uma ator importante nas Relações Internacionais, é necessário entender as relações de poder dentro do Estados e entre os Estados. Primeiramente, o que é Poder? Não existe um consenso definido, muitos autores, das mais diversas escolas, discutiram sobre o tema.

Thomas Hobbes explica que a Sociedade se constitui a partir da renúncia de certas liberdades dos homens, no estado de natureza<sup>6</sup>, estabelecendo um pacto social para que haja uma convivência harmoniosa. O indivíduo abre mão de certa liberdade e entrega o poder, aqui entendido como o direito de cometer uma ação e de fazer valer a sua vontade, ao Soberano em nome da paz e da sobrevivência. Como Soberano entende-se um ou mais homens que, dotados de autoridade, poder e força, representarão a vontade da comunidade.

Max Weber<sup>7</sup> elaborou sua definição de poder, uma visão que foi bastante hegemônica inclusive. Para Weber o poder significava "a probabilidade de impor a própria vontade dentro de uma relação social, mesmo que contra qualquer forma de resistência

<sup>6</sup> No estado de natureza, segundo Hobbes, os homens podem todas as coisas e, para tanto, utilizam-se de todos os meios para atingi-las. Conforme esse autor, os homens são maus por natureza, pois possuem um poder de violência ilimitado.

<sup>7</sup> Nascido em Efurt, na Alemanha, Max Weber (1864-1920) é um dos principais pensadores que colaboraram para a construção da Sociologia. Entretanto, Weber enveredou-se por uma gama gigantesca de assuntos e colaborou para o desenvolvimento da Filosofia, Política, Economia, História e Direito. Weber foi fortemente influenciado pelas ideias de Karl Marx e Émile Durkheim, sendo também crítico das obras desses grandes pensadores.

e qualquer que seja o fundamento dessa probabilidade“ (apud CHIEVANATO, 2004, p.210)

Max Weber concebe o Estado como um aparato administrativo e político que detém o monopólio da violência legítima dentro de um determinado território, a partir da crença dos indivíduos em sua legitimidade. O Estado consiste ,então, em uma relação de dominação do homem sobre o homem, a qual se baseia na violência legítima. Weber define dominação como a capacidade de encontrar obediência para ordens específicas dentro de um determinado grupo de pessoas. Entende-se, portanto, que está é uma relação social de poder desigual, uma vez que um manda e o outro obedece. Para que a ordem social seja mantida, as relações de dominação se fazem necessárias, enquanto uns concentram o poder, outros devem se manter subordinados. Para Weber existem três tipos de dominação legítima :

1- Dominação Legal - o poder burocrático é o poder em sua forma mais pura, uma vez que a obediência não se dá em virtude de direito próprio, mas sim da regra estatutária estabelecida que determina a quem e enquanto deve-se obedecer. Este tipo de dominação caracteriza-se pela hierarquia funcional e administração baseada em regimentos.

2 - Dominação tradicional - baseia-se na crença da santidade das tradições vigentes e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade. Weber vincula diretamente este tipo de dominação com a lealdade dos servidores e ao senso tradicional da consciência coletiva.

3 - Dominação carismática - é a dominação que se efetiva através da crença ou veneração da santidade, do poder heróico ou caráter exemplar de uma pessoa. Neste contexto, a obediência ocorre em face das habilidades e qualidades individuais. Weber aponta, entretanto, que esta dominação é bastante instável, pois não há nada que assegure a continuidade da devoção com o dominante por parte dos dominados.

Segundo Weber, a figura da autoridade nada mais é do que o poder legitimado, onde aqueles sobre os quais o poder é exercido, reconhecem e aceitam esta dominação.

Após a primeira guerra mundial, muitos autores discorreram sobre os conceitos de dominação e poder entre os Estados, observa-se que a política internacional deixa de fazer parte quase que exclusivamente do campo diplomático e entra também na esfera acadêmica (CHIAPPIN, 1994). Tal fato resultou na idealização de diversas concepções políticas, mas duas delas em particular nortearam o debate: a escola realista e a concepção idealista.

A concepção idealista obteve maior destaque no período entre as duas grandes guerras. Para os idealistas a ética deveria pautar a agenda política, acreditavam

na razão para justificar a submissão dos indivíduos em prol de um benefício para a maioria. Chiappin nos lembra que para os membros desta escola "os princípios da bondade natural e da natureza cooperativa eram vistos como organizadores do sistema internacional e, assim, da construção de arranjos institucionais que pudessem dar-lhes corpo na comunidade das nações". Foi neste contexto que nasceu a Liga das Nações. Com o início da Segunda Guerra, estes valores foram colocados em cheque, uma vez que não se mostravam eficientes em organizar uma política internacional estável e equilibrada. Ainda em 1932, Winston Churchill<sup>8</sup> já condenava a Liga das Nações por sua insistência em pregar seu credo ultrapassado.

Com o fim da Segunda Guerra e início da Guerra Fria, observa-se o domínio da escola realista, predominando quase que de forma incontestável e sendo responsável pela elaboração dos quadros de análise mais importantes dos eventos internacionais (Chiappin, 1994). A escola realista se fundamenta na ideia de que o Estado é a entidade básica do sistema internacional e que os Estados possuem como características principais o egoísmo e o interesse.

A escola realista nitidamente se baseia nos moldes hobbesianos e sua ideia de estado de natureza. Os indivíduos, aqui representados unicamente pelos Estados, quando não vivem sob a égide de uma autoridade capaz de impor regras, vivem em uma situação de permanente conflito, onde cada indivíduo é responsável pela sua auto preservação. Entende-se que esta atitude é compartilhada por todos e cada unidade política busca sempre o seu interesse individual, logo, pode-se dizer que são relações de poder que constituem a arena internacional (ROCHMAN, 1999). Nestas relações de poder a mensuração ocorre através do poderio militar, econômico e ideológico de cada nação, na concepção de Chiappin (1994) "os realistas encontram-se comprometidos com a exigência de usar conceitos mensuráveis na formulação de teorias. Isto decorre do seu objetivo de proporcionar um cálculo de poder para as formulações de política externa." A grande diferença encontrada entre estado de natureza de Hobbes e a concepção realista é que os realistas não acreditam na possibilidade de criação de um Leviatã no plano internacional, ou seja, não existe um Estado soberano aos demais e como os Estados estão sempre buscando maximizar seus benefícios, o cenário internacional é de constante conflito.

Raymond Aron (2002) afirma que as relações interestatais, aquelas que engajam as unidades políticas, se manifestam através de canais especiais, representados simbolicamente pelo autor em dois personagens, o diplomata e o soldado. Ambos não se colocam nas relações internacionais como membros, mas como representantes das coletividades da qual pertencem. O diplomata é a unidade política em nome da

<sup>8</sup> Winston Leonard Spencer-Churchill foi um político conservador e estadista britânico, famoso principalmente por sua atuação como primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial. Ele foi primeiro-ministro britânico por duas vezes.

qual fala, enquanto o soldado é a unidade política em nome da qual mata. Estes dois personagens vivem e simbolizam as relações internacionais, que, diferente de qualquer outra relação social, se desenvolvem à sempre sombra da guerra.

No entanto, a idéia de um sistema de "anarquia internacional" marcada pela ausência de um ordenamento jurídico internacional, com uma nítida predominância da lei da força, não nos permite dizer em absoluto que a realidade internacional seja constantemente caótica. Existem elementos estruturais que regem o sistema dos estados: a hierarquia e o equilíbrio de poderes (PISTONE, 1986).

O conceito de um sistema dos Estados estabelece que a relação de força existente entre os países cria uma sólida linha hierárquica que discrimina as grandes potências, aqueles capazes de defender e de fazer valer sua vontade e seus interesses, das médias e pequenas. O segundo elemento é o que vai orientar as relações entre as grandes potências, é o chamado equilíbrio de poder. Entre os países mais poderosos criou-se uma situação "duradoura e de não excessiva diferença no plano da força, capaz de impedir que qualquer delas se sobrepusesse a todas as demais e, por conseguinte, de conter toda a tentativa hegemônica" (PISTONE, 1986). Impede-se um domínio total de um único ator, seja através da coalizão das potências que restaram, ou então através do poder de defesa de outra grande potência, no caso de um sistema bipolarizado. No entanto, observa-se que o elemento do equilíbrio não trouxe fim as manifestações violentas dentro do sistema de anarquia internacional, a própria ideia de equilíbrio pressupõe que as potenciais busquem incessantemente aumentar seu poder, uma vez que o mundo é caracterizado pelo contínuo progresso econômico e tecnológico. Neste contexto a guerra pode ser utilizada inclusive como uma ferramenta na busca do equilíbrio. Ainda que pareça controverso, foi o elemento de equilíbrio entre as potenciais que garantiu um molde pluralista no sistema internacional e o mínimo de autonomia e soberania para as médias e pequenas potências. Estes dois elementos, hierarquia e equilíbrio de poder, foram os pilares estruturais para que a ideia de um sistema internacional caótico convergisse para um sistema dotado de relativa ordem, sendo, portanto, mais fácil sua compreensão e análise a fim de desenvolvê-lo.

Observa-se até então uma postura negligente, embora não se possa dizer inexistente, das correntes teóricas para com as abordagens fora do eixo econômico-militar. Esta tendência se altera na década de 80 quando o internacionalista Joseph Nye apresenta dois conceitos inovadores no que tange a mensuração de poder e as disputas políticas internacionais: "*Hard Power*" e "*Soft Power*".

### 3.1 Hard Power e Soft Power

Nye entende o poder como a habilidade de influenciar o comportamento de outros para obter os resultados desejados (Nye 2004). Este poder conceituado por Nye pode ser classificado em dois tipos, o primeiro deles é o *Hard Power*, que resume o pensamento clássico de obtenção de resultados, onde a estratégia utilizada é direta e sempre nos âmbitos militares e econômicos. Para tornar concretos seus objetivos, os Estados se utilizam de ferramentas como a coerção militar, a indução, aplicação de sanções econômicas ou até mesmo a promessa de uma proteção em determinada situação conflituosa.

No *Hard Power*, o poderio militar se apresenta frequentemente como ferramenta diplomática, sem que necessariamente a deflagração de guerra aconteça, uma vez que a simples insinuação de conflito militar já seja o suficiente para coagir um Estado a tomar ou não determinada atitude. No entanto, é importante entender que, embora seja uma atitude extrema, a Guerra é uma ferramenta completamente plausível dentro deste cenário. Além da ferramenta militar, o *Hard Power* conta ainda com a vertente econômica. Um Estado pode se utilizar de seus recursos financeiros para obter apoio ou afetar o posicionamento de outro Estado dentro de determinada discussão. Assim como o aporte de recursos pode influenciar a decisão de um Estado, a falta deles pode levar um Estado a agir de maneira diferente da pretendida inicialmente. Este é, por vezes, o resultado esperado com sanções econômicas ou medidas como as restrições de importações.

No entanto, com o desenvolvimento das relações interestatais através de Organizações Internacionais (a ONU principalmente), tratados e alianças políticas, as situações de constante conflitos diminuíram, embora não tenham desaparecido, logo, se fez necessário uma nova abordagem para com as relações de poder e a forma com que os Estados exerceriam suas influências. É importante ressaltar que a mentalidade realista não desapareceu, os Estados continuam buscando seus interesses pessoais e almejando as maiores vantagens possíveis, mas se observa que o cenário internacional torna cada vez menos atraentes abordagens exclusivamente diretas e coercitivas. Surge então o que Nye classifica como *Soft Power*, que seriam as abordagens políticas baseadas na atração e persuasão. De acordo com o autor:

Há mais de quatro séculos, Nicolau Maquiavel recomendou aos príncipes da Itália que era melhor ser temido do que ser amado. Porém, nos dias de hoje o melhor é ser os dois. Ganhar corações e mentes importante, mas o é ainda mais na era da informação global. (Nye 2014, p.1)

Na chamada era da informação, ainda é possível obter os resultados esperados de maneira direta, seja através da coerção ou de pagamentos, porém, a maneira

indireta, que Nye caracteriza como "a segunda face do poder", se torna mais atrante, o *Soft Power* se faz presente quando um Estado consegue fazer com que a sua vontade seja também a vontade dos demais no cenário internacional. Tal situação pode ocorrer em face à admiração que um agente inspira nos demais, aos valores propagados e a vontade de se alcançar a prosperidade do país em questão.

É importante ressaltar que o *Soft Power* não pode ser classificado unicamente como um meio de influência ou de persuasão, uma vez que ambos podem ser adquiridos também através do *Hard Power*. Embora estejam presentes e sejam importantes dentro da concepção de *Hard Power*, a ideia vai além, segundo o autor:

Se eu sou persuadido a seguir seus objetivos sem qualquer ameaça ou troca acontecendo - em resumo, se meu comportamento é determinado por uma atração observável, porém intangível - o Poder Brando está agindo. O Poder Brando usa um tipo diferente de moeda (nem força, nem dinheiro) para engendrar cooperação: uma atração à valores em comum e à justiça e dever de contribuir para alcançar esses valores. (NYE, 2004, p.7)<sup>9</sup>

**Tabela 1 – Quadro comparativo: Poder Duro e Poder Brando**

Tipo de Poder	Comportamento	Fontes
Brando	Atrair e cooptar	Qualidades inerentes Diplomacia Valores
Duro	Ameaçar e induzir	Ameaças, intimidações, pagamentos e sanções

Surge então a grande questão do pensamento de Nye, se o *Soft Power* busca uma abordagem diferente das formas mais tradicionais dentro relações de poder, distanciando-se da coerção militar e financeira, de que forma acontece a chamada cooptação dos países? Quais são os meios que produzem o *Soft Power*? Nye responde que a fonte deste poder está nos ativos capazes de produzir atração, ativos que residem em grande parte nos valores do país, expressos através da sua cultura, das

<sup>9</sup> If I am persuaded to go along with your purposes without any explicit threat or exchange taking place-in short, if my behavior is determined by an observable but intangible attraction-soft power is at work. Soft power uses a different type of currency (not force, not money) to engender cooperation-an attraction to shared values and the justness and duty of contributing to the achievement of those values.

suas práticas e políticas internas e na forma com que este país se relaciona com os demais.

A manifestação mais explícita do *Soft Power* é através do aparato Estatal, em termos mais claros, a Diplomacia Pública. O Estado cria uma diretriz interna para lidar com as questões internacionais e a manifestação desta diretriz ocorre através do seu corpo diplomático (embaixadores, diplomatas, ministros das relações exteriores, etc), que ,através do diálogo com seus semelhantes de outros Estados , buscará a melhor resolução para interesses mútuos.

A Diplomacia Pública está diretamente ligada a promoção da imagem de um país no exterior, mas vai além disso (MELLISSEN, 2005), o objetivo maior é a criação de um vínculo, é importante que se estabeleça um diálogo autêntico e que as relações se aprimorem através de intercâmbios culturais. Nye descreve a definição de diplomacia pública de Mar Leonard, um especialista britânico no tema, onde a diplomacia deve agir em três dimensões distintas que juntas e bem trabalhadas serão capazes de aumentar o *Soft Power*. A primeira delas diz respeito a comunicação diária e ao gerenciamento de notícias. Sempre que um governo tomar algum posicionamento relevante, seja no âmbito externo ou interno, é usual prestar esclarecimentos explicando as motivações, o contexto e as ações realizadas. Esta dimensão deve também estabelecer um plano estratégico de modo que se possa reagir e contra atacar rapidamente mediante uma crise ou situação inesperada que tenha potencial de comprometer a imagem do país frente a opinião pública. Nesta ótica, todos os canais de comunicação massivos tornam-se instrumentos úteis e essenciais para a diplomacia pública. A segunda dimensão diz respeito a elaboração de uma estratégia que auxilie na construção de uma boa imagem para o país. Através de eventos simbólicos ou campanhas culturais, um país busca promover sua imagem perante o cenário internacional. A terceira dimensão da diplomacia pública se baseia na construção de relacionamento sólidos com indivíduos chave. A construção desses relacionamento se dá através de intercâmbios, financiamentos de estudos, conferências internacionais, seminários, treinamentos, etc.

A diplomacia pública é a maneira mais concreta de verificação do *Soft Power*, pois a efetividade das ações é de fácil mensuração. Verifica-se os tratados, os acordos assinados e o modus operandi dentro das negociações internacionais e repercussão das estratégias desenvolvidas. Mas a verdadeira, e mais poderosa, manifestação ocorre quando um Estado consegue moldar a preferência dos demais, fazendo com eles queiram o este Estado deseja. Desta forma o ambiente não seria de imposição, mas sim de convergência de interesses. Nye entende que esta alteração nos moldes internacionais pode ocorrer tanto pelos valores políticos defendidos, quanto pela influência cultural que um Estado exerce. De acordo com Nye, as fontes de *Soft Power* de um país se encontram divididas em três categorias diferentes: sua cultura e a forma como ela



se torna atraente perante aos demais; os valores internos; a política externa quando vista de forma legítima. A cultura de um país pode se difundir de diversas maneiras, principalmente através do comércio, seja o comércio de bens no sentido clássico, ou o comércio de cultura (cinema, teatro, artes, literatura e o esporte, que é o principal objeto de estudo deste trabalho). Com relação ao comércio de bens, as grandes multinacionais exercem um grande papel de influência global. Algumas empresas atingem tamanha proporção (Coca-Cola, Apple, Nike, Mc Donalds, por exemplo) que passam a influenciar diretamente tendências globais. Esta influência pode ser benéfica ou não ao Estado de origem destas empresas, dependendo das ações praticadas e do contexto em que ocorrem. Quanto mais abrangente e universal a cultura de um país for, maior será a capacidade de exercer poder e atrair outras culturas. No entanto, é importante ressaltar que no caso de uma cultura mais fechada, com valores muito específicos, a tendência é que esta nação não seja afetada culturalmente. É o caso de países com população islâmica e países politicamente mais fechados como a Coreia do Norte.

O conceito de cultura é bastante discutido dentro análises antropológicas, Edward Tylor (1871), antropólogo britânico, descreve o termo como “este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Para Antonio Houaiss (1983), intelectual brasileiro, cultura é um conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc., que distinguem um grupo social. Dentro de um cenário globalizado, a cultura pode servir como elo entre diferentes povos, não importando a posição geográfica ou origem da informação. Os valores culturais de um país se tornam sua identidade e representação perante os demais. É natural, portanto, que os Estados se utilizem desses valores como forma de promoção internacional, incorporando estes valores à política externa e à diplomacia, surgindo assim a ideia de Diplomacia Cultural.

O exemplo mais ilustrativo possível da teoria até aqui exposta é o da cultura dos EUA. O chamado “*American Way of Life*” se espalhou pelo mundo através de diversos canais, como o cinema Hollywoodiano, o recebimento anual de milhares de estudantes nas universidades americanas, a arte, a música, etc. Todos estes canais espalharam o desejo de ser próspero como os norte americanos. Esta foi uma forma dos EUA legitimar o seu poder perante os demais. Com um conjunto de valores atrativos, o cenário internacional apresentou menor resistência aos moldes norte-americanos. Obviamente não é possível ignorar os aparatos militares e financeiros dos EUA, mas com uma cultura e com valores atrativos, os outros países se tornam mais suscetíveis as diretrizes americanas.

As políticas internas de um país também exercem influência no seu *Soft Power*. Um país deve se manter coerente com relação ao que prega internacionalmente, seja

de forma bilateral ou multilateral, e na forma como se posiciona na esfera interna. Se um país se posiciona de determinada maneira no âmbito internacional, mas possui uma postura contraditória na prática interna, o *Soft Power* é diminuído. Por exemplo, os EUA viram seu poder ser bastante reduzido no continente africano durante a década de 1950, uma vez que praticava em seu território políticas de segregação racial. Assim como atualmente o *Soft Power* norte americano é reduzido na Europa por conta das fracas políticas de controle armamentício e a prática da pena de morte como um mecanismo legítimo de punição.

Os principais valores de um Estado em âmbito interno, dentro das Organizações Internacionais e os aplicados na política externa afetarão de forma acentuada a preferência dos outros Estados relacionados, no entanto, o *Soft Power* não pode ser controlado por um Estado de forma tão contundente quanto no *Hard Power*. Existem mecanismos dentro do *Hard Power* que são completamente inseridos no controle Estatal (ações militares e medidas econômicas), ao passo que certos aspectos do *Soft Power* surgem sem que, necessariamente, Estado tenha planejado e desenvolvido uma estratégia visando a sua utilização como forma de obter prestígio internacional. Por exemplo, a conquista do Tricampeonato Mundial da seleção brasileira em 1970 deu ao Governo Militar uma ferramenta capaz de manipular a opinião pública, nacional e internacional, frente aos atos de tortura e repressão, que claramente desrespeitavam as políticas de direitos humanos. As fontes de *Soft Power* são pouco manejáveis, observa-se então que em um dado momento os Estados percebem que algum elemento de sua cultura exerce uma influência ou passa uma imagem positiva perante o cenário internacional. Neste momento os Estados passam a se utilizar deste elemento como forma de aceitação e penetração, visando impulsionar sua projeção internacional.

O esporte possui um poder de movimentar, entreter, controlar e até mesmo manipular grandes massas. Milhões de pessoas ao redor do mundo acompanham diariamente diversas modalidades esportivas e, em suas mais diferentes modalidades, do futebol ao tênis, essa indústria gere em torno de US\$ 1 trilhão por ano<sup>10</sup>. Com um apelo muito forte com a população, seja local ou mundial, é natural que em determinados momentos os Estados se utilizem de elementos esportivos como forma de propagar uma ideia, uma mensagem ou até mesmo uma ideologia. Em diversos momentos da história, o esporte se tornou um importante meio de fonte e expansão do *Soft Power*, assim como as arenas esportivas se tornaram palcos de importantes debates sociais e políticos.

<sup>10</sup> Estudo realizado por Clarisse Setyon, professora do curso de especialização em Marketing Esportivo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), divulgado em 2012.

## 3.2 Esporte como fonte de *Soft Power*

O esporte é um agente universal, transcende as barreiras geográficas, linguísticas e culturais, e, como tal, assume premissas e funções que vão além das questões competitivas e puramente esportivas. Assim como, por exemplo, os EUA, Itália e França utilizam, respectivamente, o cinema, a gastronomia e as artes como prerrogativas de influência global, os Estados utilizam o esporte como forma de se expressar politicamente no cenário internacional, como fonte de *Soft Power* e, muitas vezes, como método de propaganda ideológica. Para tanto, Organizações Internacionais Esportivas, Megaeventos Internacionais e indivíduos do meio, tornam-se agentes e meios do sistema internacional. Por exemplo, segundo Nye, o Brasil possui dois elementos que servem como poderosas fontes de Poder Brando, a cultura popular do carnaval e do futebol.

O esporte absorve características e nuances de uma sociedade onde se insere, logo, tensões e disputas políticas também são refletidas no meio esportivo. Por diversos momentos na história, foi possível observar que grandes embates da esfera esportiva assumiram um caráter excepcional de disputa entre ideologias antagônicas ou de propaganda de modelos políticos. O período entre Guerras e as quatro décadas de Guerra Fria foram períodos em que é possível apontar diversos casos em que os grandes eventos esportivos convergiram com grandes manifestações políticas globais, especificamente quando se analisa EUA, União Soviética, Cuba e os regimes ditatoriais da América do Sul.

O esporte como mecanismo de propagação de Poder Brando torna-se eficiente quando utilizado de forma estratégica e pré estabelecida por um Estado dentro das sua linha de política. Somente através de ações Estatais que visem a melhora gradual do movimento esportivo, um país pode colher os benefícios de bons desempenhos no cenários esportivos e utiliza-los como ferramenta de inserção e assimilação da força de seu modelo e do seu poder no sistema internacional.

[...]a ampla tendência de atrelar um valor simbólico à vitória na competição. A vitória se torna politicamente significativa, como uma indicação de superioridade nacional e prestígio. Por outro lado, a derrota é um símbolo de inferioridade nacional e causa vergonha (PADDICK, 1986).

Douglas Kellner (2006), teórico norte-americano, define que a cultura da mídia fornece padrões e condiciona a constituição dos modos de ser e viver. Com base no modelo frankfurtiano de indústria cultural, Kellner esclarece que a mídia funciona segundo um modelo industrial, cujos produtos são mercadorias criadas para atender aos interesses de seus controladores, os grandes conglomerados.

Dentro da cultura de mídia, o espetáculo tornou-se um dos pilares da sociedade, seja na política, na cultura, na economia ou na vida cotidiana, além de produzir um material ainda mais farto para as fantasias e sonhos, modelando o pensamento, o comportamento e as identidades. Neste espetáculo contemporâneo, o esporte possui um lugar de destaque, podendo assumir uma posição de agente protagonista, tanto a serviço da manutenção dos padrões de dominação, como também em favor da democratização da sociedade. (SUPPO, 2012)

Os esportes há muito têm sido propícios ao espetáculo, com eventos como as Olimpíadas, World Series, Super Bowl, a Copa do Mundo e os campeonatos de basquete da NBA atraindo audiências maciças e gerando anúncios a preços astronômicos. Esses rituais culturais celebram os valores mais profundos da sociedade (por exemplo, a competição, o sucesso e o dinheiro), e as empresas estão dispostas a investir vultosas verbas para que seus produtos se associem a tais eventos. Realmente, parece que a lógica da mercadoria do espetáculo está tão inexoravelmente entranhada nos esportes profissionais que estes não podem mais existir sem o acompanhamento de torcidas animadas, mascotes gigantes que brincam com os jogadores e espectadores, sorteios, promoções e competições envolvendo os produtos de diversos patrocinadores (KELLNER, 2006, p. 128).

O esporte enquanto ferramenta de *Soft Power* encontra muitos agentes responsáveis pela sua internacionalização. Além dos agentes governamentais, dirigentes esportivos das federações, diretores de grandes organizações juntamente com estas organizações, atletas, jornalistas, espectadores e a opinião pública, possuem grande poder de influência dentro do sistema internacional (SUPPO, 2012). No próximo capítulo os agentes da esfera esportiva serão analisados de forma mais detalhada, juntamente com suas interações no plano internacional.

## 4 PAPEL POLÍTICO DOS ATORES ESPORTIVOS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Com o crescimento da relevância e da complexidade dos assuntos do esporte dentro da agenda global, criou-se uma demanda por mecanismos de controle de interesses e de organizações supranacionais de caráter cultural-esportivo. Logo, o processo de institucionalização do esporte e a ascensão destas organizações a um nível global tornam-se temas relevante para a área de Relações Internacionais. Suppo (2012) aponta que a não participação nos megaeventos esportivos é para qualquer Estado um prejuízo considerável, demonstrando assim, o poder concentrado nas grandes organizações esportivas internacionais. Existem inúmeras organizações não governamentais atuando no meio esportivo, no entanto, três delas são dotadas de maior representatividade e poder de influência global, são elas: o Comitê Olímpico Internacional (COI), a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) e o Comitê Intergovernamental para a Educação Física e o Esporte da UNESCO. É interessante ressaltar que apenas duas organizações mundiais sobreviveram às duas grandes guerras do século XX, a Cruz Vermelha e o COI.

O COI detém os direitos e domínio total dos ingredientes e resultados mercadológicos da maior reunião internacional, as Olimpíadas. Os Jogos Olímpicos se transformaram num negócio bilionário, com o COI regulando a exploração comercial e publicitária dos símbolos, marcas e divisas olímpicas, bem como a venda de quotas de patrocínio e das vendas de transmissão televisiva.

Em sua Carta Constitutiva, ficaram estabelecidos que os objetivos originais do COI, sem fins lucrativos, seriam "o desenvolvimento do esporte e das competições esportivas, a manutenção do esporte no quadro do ideal olímpico, encorajando e fortalecendo a amizade entre os esportistas e os povos de todos os países, e a garantia de celebração regular dos Jogos Olímpicos, dignamente conforme sua gloriosa história". Observa-se que este princípio constituinte de designação superior da promoção contínua e comercialmente desinteressada passou por uma revisão contextual e as Olimpíadas foram obrigadas a se adaptar a duas circunstâncias reais, a mercantilização de um dos maiores produtos da indústria do esporte, e a revisão do simbolismo dos jogos olímpicos, que, na Grécia antiga, impunham trégua sagrada momentânea nos conflitos, mas que observam um comportamento reverso desde o retorno dos jogos, onde as Olimpíadas deixam de acontecer em períodos de grandes conflitos (VASCONCELLOS, 2012).

O esporte enquanto espetáculo também foi obrigado a passar por um processo

de revisão a fim de tornar-se mais atrativo como produto midiático. Foram trabalhadas as formas de visualização, a promoção da incerteza do resultado e algumas modalidades tiveram seu tempo de jogo diminuídos. A imagem do esportista profissional também passou por um processo semelhante. Buscando traçar um paralelo com a cultura do herói, a mídia constrói uma imagem associada ao sucesso, a fama e a uma vida vitoriosa além do campo esportivo, ou seja, o atleta torna-se um garoto propaganda de valores cultivados e desejados na sociedade como um todo. Com todo este poder midiático envolvido, as Olimpíadas tornaram-se um negócio bilionário, tanto para Estados, atletas e megacorporações, tornando o COI, dono de todos os direitos envolvidos, um grande ator do cenário internacional. O volume de recursos e receitas, somado às repercussões políticas, à afirmação de valores nacionais e à promoção e prestígio, acaba por transformar a disputa para sediar uma Olimpíada em uma ferrenha disputa de bastidores políticos e diplomáticos. Existem, inclusive, casos conhecidos de grandes escândalos de corrupção e compra de votos, envolvendo membros de delegações estatais e membros das grandes organizações esportivas. Em 1999, a Comissão Executiva do COI recomendou a expulsão de diversos membros acusados de corrupção na escolha de Salt Lake City, nos EUA, como sede dos jogos de inverno de 2002. As acusações se mostraram verdadeiras, com subornos que chegavam a US\$800 mil por cabeça votante.

A acirrada disputa pelo direito de sediar os jogos olímpicos, evento de efetiva e capilar alcance da cobertura internacional, rivalizado apenas por outro evento do segmento esportivo, a Copa do Mundo, se justifica com a oportunidade de promoção dos valores nacionais e das realizações e progressos enquanto país anfitrião (VASCONCELLOS, 2012). As Olimpíadas de Tóquio em 1964 foram as primeiras a ganhar este caráter de publicidade universal, uma vez que um ano antes entrou em funcionamento o satélite Telstar<sup>11</sup>. Com a novidade, estima-se que cerca de 1 bilhão de pessoas tenham assistido aos jogos de Tóquio. O governo japonês viu neste momento a oportunidade de alterar a imagem internacional desgastada com a Segunda Guerra Mundial, além de exibir o potencial do país que conseguiu se reconstruir em menos de 20 anos e já despontava como a superpotência asiática, registrando em 1964 a maior renda per capita do continente e crescimento econômico anual de 10%.

Assim como o COI, a FIFA, fundada em 1904 na Suíça, também é uma instituição que zela por suas prerrogativas, principalmente a de mercantilização de produtos de grande apelo, como a Copa do Mundo de futebol, e seus membros são requeridos em representar os interesses das organizações nos Estados e não ao contrário, apresentando um forte caráter institucionalista neoliberal na sua organização (BEACOM,

<sup>11</sup> O Telstar foi o primeiro satélite artificial do mundo, ligado ao segmento de telecomunicações, a ser colocado em órbita. Seu nome veio de uma inspiração do mundo esportivo, Telstar era o nome de uma bola de futebol da marca alemã Adidas.

2000). A FIFA age projetando normas e regras, objetivando direcionar comportamentos de seus membros, principalmente enquanto membros organizadores de algum evento FIFA. Quando algum país se coloca como sede de uma Copa do Mundo, fica sujeito a uma série de exigências estabelecidas pela FIFA, além de regras que limitam a atuação do Estado durante o período do evento. Antes da Copa do Mundo no Brasil, em 2014, o Brasil assinou um acordo com a FIFA, este acordo previa uma série de isenções fiscais, bem como maços investimentos em infra estrutura. Durante a realização do evento, os regimentos de realização da FIFA entraram em conflito com a legislação brasileira, que na época não permitia a comercialização de bebidas alcoólicas dentro dos estádio, algo que iria contra a FIFA e seus acordos bilionários de patrocínio. A vontade da organização prevaleceu e foi necessário uma alteração no estatuto do torcedor<sup>12</sup>.

A FIFA tem como sua principal missão desenvolver o futebol no mundo, tanto no nível amador quanto profissional, ditando as regras e as normas do jogo, fornecendo métodos para decidir e resolver as diferenças, para que as associações de futebol em todos os continentes também, livre de interferência governamental, contribuam para o desenvolvimento desse esporte, além de construir um mundo melhor através do futebol (FIFA).

Especialistas classificam a FIFA como uma organização de negócios privada e, ao mesmo tempo, uma organização pública à medida que sua influência se expande para a esfera pública. A FIFA enquanto instituição deve ser considerada uma Organização Não Governamental genuína, visto que se constitui unicamente por associações nacionais de futebol, sem qualquer ingerência estatal. Os grandes produtos destas organizações, Olimpíadas e Copa do Mundo, geram recursos e grandes desdobramentos políticos, de forma que acabam por se estender muito além da esfera esportiva. Como as duas organizações não são vinculadas a nenhum Estado, a distribuição de seus recursos, financeiros e políticos, é gerida pelas próprias organizações, tornando-as capazes de fazer lobby e influenciar o processo de tomada de decisão dos governos (Beacom, 2000). João Havelange, ex-presidente brasileiro da FIFA durante 24 anos, disse inclusive que considerava a FIFA um dos três atores globais mais influentes, juntamente do COI e dos EUA. É interessante observar que a FIFA reconhece o português como um de seus idiomas oficiais, fato que não ocorre no COI e na própria ONU, tal reconhecimento se dá devido aos desempenhos obtidos pelo Brasil no futebol, ou seja, o fato do Brasil ser, reconhecidamente, o país com os melhores resultados na história deste esporte, garantiu ao país uma posição de destaque dentro de uma das organizações mais influentes do planeta.

<sup>12</sup> O Estatuto do Torcedor, como ficou conhecida a Lei 10.671/03, é um resultado de um histórico conturbado no futebol brasileiro. De autoria do Poder Executivo e sancionada no Governo Lula, em 15 de maio de 2003, a lei tem por objetivo proteger os interesses do consumidor de esportes no papel de torcedor, obrigando as instituições responsáveis a estruturarem o esporte no país de maneira organizada, transparente, segura, limpa e justa.

Kofi Annan, ex-Secretário Geral da ONU, discursou sobre a representatividade da FIFA:

Vocês podem estar se questionando o que um Secretário-Geral da ONU está fazendo ao escrever sobre futebol. Mas de fato, a Copa do Mundo nos deixa verde de inveja aqui na ONU. Sendo o momento mais alto do único jogo verdadeiramente mundial, que é praticado em todos os países por todas as raças e religiões, o campeonato é um dos poucos fenômenos tão universais como as Nações Unidas. Pode até dizer-se que é mais universal: a FIFA tem 207 membros, nós temos apenas 191. (Annan, 2006b).<sup>13</sup>

Atualmente a FIFA conta com 209 membros, enquanto a ONU e o COI possuem ambos 192 membros. Das Associações reconhecidas pela FIFA, 23 não são reconhecidas como Estados pela ONU. Estas Associações são: as quatro repartições do Reino Unido (Irlanda do Norte, País de Gales, Escócia e Inglaterra); os territórios britânicos Anguilla, Ilhas Bermudas, Ilhas Cayman, Ilhas Cook, Ilhas Turks e Caicos, Ilhas Virgens Britânicas e Montserrat; Curaçau e Aruba, ligados à Holanda; Taiti e Nova Caledônia, ligados à França; Ilhas Féroé, ligadas à Dinamarca; os territórios administrados pelos EUA, Guam, Porto Rico, Samoa Americana; Hong Kong, Macau e Taipei, ligados à China; e o caso mais emblemático, a Palestina. Com uma representatividade maior que a da ONU, a FIFA assumiu um papel de mediador em algumas situações alheias ao meio esportivo. Enquanto a ONU não reconhece a Palestina como membro pleno, apenas como Estado observador<sup>14</sup>, a FIFA reconhece a Associação Palestina de Futebol (PFA, na sigla em inglês) como um de seus membros. Por diversas vezes entre 2014 e 2015, o presidente da FIFA, na época Joseph Blatter, desembarcou na região com intenção de mediar conflitos diplomáticos entre o futebol da Palestina e de Israel. A Federação Palestina de Futebol reclamou para Blatter que alguns de seus atletas foram impedidos pelo governo israelense de sair da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Como a Palestina não é um membro pleno da ONU, a saída e a entrada de pessoas dos territórios palestinos é gerida por Israel. A Palestina pediu a intervenção da FIFA, que ameaçou Israel com uma suspensão, mas em maio de 2015 a própria Palestina retirou a moção feita ao órgão máximo do futebol.

Em semelhança ao COI, a FIFA também passou por um grande escândalo de corrupção recentemente. Em 2015, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos, o

<sup>13</sup> You may wonder what a Secretary-General of the United Nations is doing writing about football. But in fact, the World Cup makes us in the UN green with envy. As the pinnacle of the only truly global game, played in every country by every race and religion, it is one of the few phenomena as universal as the United Nations. You could even say it's more universal. FIFA has 207 members; we have only 192

<sup>14</sup> Em uma decisão histórica, a Assembleia-Geral das Nações Unidas reconheceu em 2012 a Palestina como um Estado observador da ONU, a decisão não implica a independência da Palestina, mas garante o direito de ingressar em uma série de agências e órgãos ligados à ONU.



FBI (a polícia federal dos EUA) e a I.R.S. (equivalente à Receita Federal) revelaram uma investigação sobre crimes como extorsão, fraudes financeiras e lavagem de dinheiro. Os EUA se aproveitaram do fato que as transações ilícitas passaram por instituições norte-americanas, como os bancos Delta, JP Morgan Chase, Citibank e Bank of America, ou filiais nos EUA de instituições estrangeiras, para poder realizar uma investigação de uma instituição com sede em outro país. Durante uma reunião de membros do alto escalão da FIFA, em Zurique na Suíça, sete representantes de entidades nacionais foram presos pelo FBI em parceria com as autoridades suíças, entre os presos estava o ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), José Maria Marin. A Justiça norte americana afirma que duas gerações de dirigentes usaram suas posições para fazer parcerias com executivos de marketing esportivo que impediam outros de ter acesso a contratos e mantinham os negócios para eles por meio do pagamento de propinas. No caso brasileiro, os direitos de transmissão da Copa América, competição de seleções sul-americanas, para os anos de 2015, 2019 e 2023, além da edição especial, chamada Centenário, de 2016, que será realizada nos EUA. A Datisa, uma empresa formada pela Traffic, do brasileiro J. Hawilla<sup>15</sup>, e duas companhias sul-americanas, comprou os direitos de transmissão dessas quatro edições da Copa América por US\$ 352,5 milhões e teria aceitado pagar outros US\$ 110 milhões em propinas para os presidentes das federações sul-americanas: seriam US\$ 20 milhões pela assinatura do contrato, US\$ 20 milhões por cada uma das edições de 2015, 2019 e 2023 e mais US\$ 30 milhões pela edição especial centenário. Desses US\$ 110 milhões, US\$ 40 milhões já teriam sido pagos e Marin teria embolsado US\$ 6 milhões.(BBC).

Tanto COI quanto a FIFA são organizações não governamentais, por mais que possuam grande poder de influência, não possuem mecanismos próprios capazes de alterar políticas governamentais. O único organismo político internacional de representação governamental é o CIGEPS, concebido para dispor de meios, propor políticas mundiais, organizar eventos de promoção cultural em torno do esporte e da educação física, e atuar como órgão indutor de cooperação técnica e intelectual no meio esportivo. (VASCONCELLOS). Até a década de 70, nenhuma agência do Sistema ONU possuía grandes interesses no papel do esporte enquanto elemento relevante, mesmo com VII Conferência Geral da Organização, realizada em 1952, tendo alçado o esporte à posição de tópico prioritário nos programas de fortalecimento e ampliação do arco cooperativo educacional. A partir de 1970, a UNESCO<sup>16</sup> passa a exercer um papel mais ativo no campo esportivo, a organização reconheceu o esporte e a educação física

<sup>15</sup> Figura bastante influente do futebol brasileiro, J. Hawilla se tornou famoso no ano 2000, quando ajudou a organizar o primeiro Mundial de Clubes da Fifa. Hawilla fez um acordo de delação com as autoridades dos EUA, onde confessou sua culpa e concordou em devolver US\$ 151 milhões.

<sup>16</sup> A sigla UNESCO significa United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization(Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas), organismo integrado na ONU, criado, em 1946, a fim de promover a paz mundial, através da cultura, educação, comunicação, as ciências naturais e as ciências sociais.

como “(...) meios efetivos de educação permanente e passou a liderar os principais movimentos nesse sentido” (TUBINO E SILVA, 2006, p. 71).

Um marco do reconhecimento do esporte perante a UNESCO é a realização da I Conferência Internacional de Ministros e Altos Funcionários para os Esportes e Educação Física (MINEPS) realizada em Paris no ano de 1976. O evento foi o início de um projeto que refletia o desejo dos Estados em institucionalizar uma política de cooperação internacional em torno do esporte. Foram discutidos temas como a melhoria das estruturas e instalações esportivas, inserção do esporte nos sistemas educacionais a promoção de campanhas para intensificar a prática sistemática de esportes e atividades físicas, programas de esportes e atividades físicas para grupos sociais específicos como mulheres, idosos, pessoas com deficiência e a qualificação da formação profissional em Educação Física.

Como resultado prático da I MINEPS, foi institucionalizado um mecanismo de cooperação entre os Estados, foi criado um novo órgão dentro da UNESCO, a CIGEPS. Foi também aprovada uma recomendação “cooperação entre os Poderes públicos e as organizações esportivas voluntárias com vistas ao fomento da Educação Física e esportes” (I MINEPS, 1976, citada por ONU-UNESCO, 1988, p. 14). Esta recomendação também incubiu aos Estados a responsabilidade para com a despesa geradas com os grandes eventos esportivos, como as Olimpíadas e a Copa do Mundo, bem como o financiamento e desenvolvimento do esporte de alto nível nos países. Segundo a recomendação da MINEPS, os recursos devem ser obtidos através de fundos públicos e cooptação de recursos de organizações privadas. Neste período, segundo Melo, quando as intervenções estatais eram falhas no desenvolvimento de políticas esportivas, outros sujeito esportivos assumiram esta função (COI, Confederações e clubes de alto rendimento), no entanto, o faziam à luz dos interesses das classes dominantes, por consequência, os sistemas educacionais de diversos países, inclusive do Brasil, foi subjugado em detrimentos aos interesses do sistema esportivo internacional, resultando na implicação dos esportes dentro do sistema educacional, não como parte de um conjunto de valores vinculados aos projetos pedagógicos, mas sim objetivando ampliar a massa de possíveis consumidores do espetáculo esportivo e como forma de ampliar a vivência esportiva por parte de crianças e jovens, criando assim, uma base para uma futura profissionalização esportiva.

Vasconcellos descreve da seguinte maneira o papel da UNESCO e a influência do tema na sociedade:

A UNESCO interpreta que o esporte e a educação física facilitam a fundação de valores democráticos e sociais e, nesse sentido, a Organização representa um foro único para a discussão de assuntos relacionados a uma cultura internacional de paz e da intrínseca relação

do esporte com outras importantes questões emergentes na sociedade contemporânea. (VASCONCELLOS, p. 147)

O CIGEPS é composto por especialistas da área indicados por 18 países membros da UNESCO que compõem o Comitê, com mandatos de 4 anos. Isso permite a UNESCO “uma habilidade para direcionar ações governamentais nos campos do esporte e da Educação Física e contribuir para implementação de políticas efetivas de esportes e programas ao redor do mundo” (ONU-UNESCO-CIGEPS, 2010).

Enquanto mecanismo de cooperação, a CIGEPS tem a atribuição essencial de montar e coordenar a cooperação horizontal internacional entre os Estados membros, enquanto a UNESCO procurava mobilizar recursos para incrementar a cooperação entre os atores que protagonizam o meio esportivo, visando encontrar novos meios, modos e metas de cooperação setorial mais representativos, flexíveis e dinâmicos.

Diferente do COI e da FIFA, a CIGEPS não possui direitos de grandes produtos esportivos, portanto, se fez necessária a cooptação de recursos por outros meios. Em 1978 foi criado o Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Educação Física e do Esporte (FIDEPS). Através deste fundo, foram financiados diversos projetos, principalmente na África e na Ásia, voltados para a formação de educadores, a diversificação dos programas regionais e a construção de novas instalações esportivas. Em sua primeira década de atividades o FIDEPS aplicou mais de US\$10 milhões em programas esportivos assistencialistas e distribuiu mais de 300 bolsas de formação e desenvolvimento de profissionais. Além dos investimentos diretos, o fundo também desenvolveu diversas atividades a fim de sensibilizar a opinião pública e as elites dirigentes acerca dos valores culturais e políticos do esporte. O FIDESP tentou também, ainda que sem obter êxito, alguns projetos mais ambiciosos que possibilitariam a participação nos direitos de transmissões televisivas e de bilheterias em grandes eventos (VASCONCELLOS, 2012).

Em 1988, ocorreu em Moscou a segunda MINEPS, contabilizando 104 países participantes, com 45 enviando seus ministros ou posições equivalentes, fato que demonstra a relevância conferida ao evento. A II MINEPS destacou “(. . .) novos procedimentos e formas de cooperação, de concertação e de associação entre os poderes públicos e as organizações voluntárias a serviço da promoção da educação física e o esporte” (ONU - UNESCO, 1988, p. 1).

Ainda que presente através da UNESCO, a ONU propriamente dita não atuou diretamente nas questões esportivas até o fim da década de 90. Em 1997, através da resolução 52/15, as Nações Unidas proclamaram o ano 2000 como “Ano Internacional da Cultura de Paz”, e, logo em seguida, organizaram vários eventos buscando explorar a relevância do tema. Destacam-se a *Round-Table-Sport And Daily Peace-Yamoussoukro*

e o 1st International Conference on Sport and Development with United Nations. A Conferência ainda se desmembrou em alguns painéis de discussão, cujos títulos demonstram o alcance e a pertinência do tema perante a sociedade internacional: “O Papel do Esporte na Sociedade e na Política”, “O Esporte das Nações Unidas: da Ajuda Humanitária ao Desenvolvimento Sustentável”, “Iniciativa Global da Organização Mundial da Saúde Move for Health” e “O Papel do Esporte na Sociedade Civil e nos Negócios”.

Percebendo a necessidade de discutir e trabalhar o esporte como agente internacional, Kofi Annan, então secretário-geral da ONU, organizou uma Força-Tarefa entre as Agências para rever as atividades do meio esportivo dentro do sistema da ONU (VASCONCELLOS, 2012). O objetivo desta Força-Tarefa foi promover e coordenar a utilização do esporte em atividades relativas ao desenvolvimento da paz e gerar apoio interativo entre governos e grandes organizações ligadas ao esporte. Após um preciso estudo, a Força-Tarefa emitiu um relatório com as seguintes diretrizes: o esporte deve ser um meio para integrar os programas de desenvolvimento; o esporte deve ser valorizado como uma ferramenta útil e integradora para a promoção do desenvolvimento humano e da paz; as atividades esportivas devem ser integradas aos programas nacionais de todos os estados membros, devidamente contextualizadas à cultura e necessidades de cada comunidade; os governantes e o sistema das Nações Unidas devem direcionar maior atenção aos recursos necessários à implementação dos programas esportivos que tenham como foco o desenvolvimento e a paz; a mídia deve destacar enfaticamente o esporte como eixo dos esforços de sensibilização e mobilização social para o desenvolvimento, sobretudo a nível nacional e local.

Como efeito prático, a Força-Tarefa, pode-se colocar a reunião da UNESCO com Ministros para a Educação Física e o Esporte em 1999, a definição WHA55.23 (da *World Health Assembly/Assembleia Mundial da Saúde*), em 2002, a respeito da estratégia global da OMS sobre alimentação, atividade física e saúde, a decisão pelo Conselho do PNUMA, em 2003, de iniciar uma estratégia a longo prazo no esporte e no meio ambiente e uma diretriz executiva do UNICEF, no início de 2003, que incentiva todos seus escritórios regionais a considerarem o esporte em sua programação educativa. Da mesma forma, no terreno esportivo, diversas organizações e federações demonstraram maior conhecimento do poder e relacionamento do esporte com assuntos relevantes no cenário político internacional, passando a se engajar ainda mais nas questões sociais através da prática esportiva.

Demonstrando a contribuição que o esporte pode embutir quando utilizado de maneira estratégica e sistemática, o relatório incita as Nações Unidas e seus parceiros a integrar o esporte em seu trabalho regular. Ademais, objetiva reunir novos instrumentos e iniciativas vindas de organizações ligadas ao esporte, de governos e do setor privado, sugerindo

maneiras de avançar em parceria com a sociedade civil, na promoção do desenvolvimento e na construção da paz. (VASCONCELLOS, p. 154)

O relatório da Força-Tarefa também observou que, além da influência política, o esporte também é um fator importante para o desenvolvimento econômico. No Reino Unido, por exemplo, o valor adicionado originário de atividades esportivas é estimado em 1,7 % do Produto Nacional Bruto, um volume que se equipara ao da indústria automobilística e de alimentos. Ainda no Reino Unido, o relatório aponta que o valor arrecadado com doações é maior que o montante financiado pelo governo e pelas loterias. Nos EUA, onde os gastos médicos por conta do sedentarismo no ano 2000 ultrapassaram os US\$75 bilhões, estima-se que pra cada 1 dólar investido em atividades físicas, obtém-se um retorno de 3,20 dólares em custos médicos. No Canadá, o relatório apontou que a produtividade anual de cada trabalhador é aumentada em aproximadamente Can\$513 devido à prática de atividades físicas regulares, fato que acaba diminuindo a rotatividade de funcionários, lesões no trabalho e o número de faltas.

O relatório também aponta resultados obtidos com a prática esportiva em assunto tocantes às questões sociais. No Reino Unido, o estudo mostrou que programas de esportes nas áreas de alto índice de criminalidade ajudaram a reduzir o crime, o vandalismo e a delinqüência juvenil, e impediram a reincidência de muitos jovens. A equidade de gênero também é mencionada, de acordo com o relatório, o esporte pode ser uma ferramenta eficaz para empoderar meninas e mulheres, que são frequentemente excluídas dos benefícios do esporte, sejam eles físicos ou psicológicos. Ao questionarem diretamente as percepções equivocadas sobre as potencialidades femininas, os programas esportivos colaboram com a ampliação do espaço feminino e no combate à discriminação. Nos EUA, os estudos apontaram que a prática regular do esporte tem correlação direta com taxas mais baixas de gravidez adolescente e com um desempenho acadêmico mais elevado. Programas específicos, como os da Noruega e do Reino Unido, atuam buscando integrar pessoas portadoras de deficiência à sociedade, fornecendo uma arena para uma interação social positiva, reduzindo o isolamento e derrubando preconceitos.

A ONU percebeu que os valores atrelados ao esporte são os mesmos ensinados na educação para a paz. Quando bem trabalhadas, as atividades esportivas podem despertar socialmente valores como honestidade, respeito, diálogo, cooperação e empatia. Vasconcellos cita como exemplo os casos dos refugiados de guerra, deslocados de guerra, órfãos e crianças usadas como soldados-infantis, que encontram no esporte estrutura e sentido de normalidade. Segundo o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), incluir programas de esportes de equipe e de educação física em escolas de refugiados atrai novos grupos de alunos,

principalmente as meninas, que normalmente não participariam. A ONU entende que a prática esportiva ajuda no fator psicológico, principalmente nas crianças, ajudando a superar os traumas da fuga e dificuldades da transição. O esporte atua como uma ponte entre os refugiados e a população local, criando oportunidades de convívio e vínculos sociais. Um exemplo deste cenário se encontra na parceria entre a UNICEF e a ONG *Right to Play*, fazendo com que a UNICEF incorporasse o esporte em seu Programa Comunitário de Reintegração.

Segundo Vasconcellos, o esporte é um instrumento qualificado, de bom custo benefício, eficaz e inovador no que tange aspectos de reintegração, convivência e pacificação. Por conseguir articular agentes públicos e privados, constituindo uma expressão desenvolvida da sociedade civil, o esporte direciona e constrói novos caminhos rumo à parcerias criativas que subsidiam programas e ações em prol da coesão social, diálogo intercultural, cultura de paz e desenvolvimento. O autor cita o exemplo da Albânia e de Moçambique. A Albânia, através de uma parceria entre o governo, a ONG *Unione per Tutti* e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), consolidou um projeto que ajuda os jovens a lidarem com os efeitos negativos da transição para uma economia de mercado, incluindo a alta taxa de desemprego, uso de drogas e aumento da pobreza. O projeto estabeleceu uma rede de centros para a juventude, onde os jovens têm espaço e oportunidades de socialização através da prática de esportes e atividades recreativas, paralelamente às atividades, os jovens recebem acompanhamento e assistência profissional. Já Moçambique reativou uma série de instalações e esportivas, graças aos esforços do Ministério da Juventude e do Esporte, do Comitê Olímpico Internacional e de outras federações de esporte.

Devido à sua linguagem universal e apelo global, o esporte se transforma em um poderoso mecanismo de comunicação, um mecanismo utilizado com frequência pela ONU para promover os objetivos da organização. Neste sentido, Vasconcellos observa:

Nessa linha, muitas campanhas de comunicação das Nações Unidas utilizam o esporte de maneiras inovadoras. A OIT forma uma parceria com a FIFA e a CAF – Confederação Africana de Futebol para promover a campanha “Cartão Vermelho para o Trabalho Infantil”, que na Copa Africana das Nações de 2002, em Mali, usou patrocinadores, a mídia, promoções em jogos e eventos nacionais e locais de futebol para disseminar mensagens de comunicação social. A OMS denominou o Dia Mundial da Saúde de 2002 de “Mexa-se pela Saúde” e o Dia Mundial contra o Tabagismo de 2002 de “Esportes Livres de Tabaco”. Atuou também em colaboração com FIVB – Federação Internacional de Voleibol, com a FIFA (Copa do Mundo Livre de Tabaco na Coreia-Japão-2002) e com o COI (Jogos Olímpicos de Inverno Livres de Tabaco em Salt Lake City-2002). A campanha do PNUD “Times para Acabar com a Pobreza” aproveita o poder da conscientização de estrelas dos esportes

incluindo os futebolistas Ronaldo e Zinédine Zidane, a tenista Martina Hingis, o saltador Sergey Bubka e o corredor de automobilismo Jacques Villeneuve. A campanha do PNUMA “Jogue pelo Planeta” visa, através do esporte, engajar os jovens nas campanhas mundiais de preservação ambiental e aumentar a consciência de que instalações e manifestações esportivas podem afetar (às vezes adversamente) o meio ambiente. A campanha do ACNUR “Wannabe” na Argentina, Austrália, Alemanha, Grécia e Espanha emprega imagens de crianças refugiadas jogando futebol para criar empatia e estimular a receptividade a esses grupos. As alianças do UNICEF com a FIFA (Copa do Mundo para Mulheres de 2003) e a Fox Kids, da cadeia televisiva FOX International, (Copa Fox Kids para Menores de 13 anos) promoveram “25 até 2005”, uma campanha pela educação das meninas que visava colocar todas as meninas na escola e alcançar a paridade de gênero na educação em 25 países até 2005. (VASCONCELLOS, P. 158)

## 5 O ESPORTE EM CUBA

Oficialmente conhecida como República de Cuba, esta pequena ilha localizada na América Central possui pouco mais de 12 milhões de habitantes e resultados altamente expressivos no campo esportivo. Observado os resultados Olímpicos na América, Cuba é superada apenas pelos EUA, normalmente ficando a frente de países mais populosos, maiores e com mais recursos, como Argentina, Canadá, Brasil e México. Parece contraditório que um pequeno país de terceiro mundo consiga resultados tão expressivos, no entanto, observa-se que a estrutura do esporte Cubana é complexa, bem planejada e completamente atrelada ao aparato estatal. Cerca de 25% da população pratica esportes regularmente e o governo investe muito na formação de atletas. O esporte cubano é comprovadamente o método mais eficiente da propaganda oficial e da proclamação das possíveis virtudes do regime. Como este poder de propaganda é proporcional aos resultados esportivos obtidos, Cuba considera sua política pública de esportes como uma das políticas prioritárias, inclusive dentro de seus programas de cooperação técnica e relações internacionais (VASCONCELLOS, 2012).

Para que se obtenha uma compreensão plena do esporte como instrumento de política externa cubano, é necessário entender de que forma as diretrizes Cubanas se alteraram após a queda da URSS, quando Cuba colocou o esporte como um dos pilares da sua "Diplomacia Social".

A Revolução Cubana<sup>17</sup> de 1959 foi um dos grandes marcos da história da América Latina e influenciou toda a região do Caribe. O processo revolucionário cubano determinou as diretrizes cubanas de política externa e as políticas domésticas de vários países caribenhos. Sobre a Revolução Cubana, Hobsbawn pondera que:

Nenhuma revolução poderia ter sido mais bem projetada para atrair a esquerda do hemisfério ocidental e dos países desenvolvidos, no fim de uma década de conservadorismo global; ou para dar à estratégia da guerrilha melhor publicidade. A revolução cubana era tudo: romance,

<sup>17</sup> Cuba foi uma das últimas nações a se tornar independente na América Latina. Sob o comando do intelectual José Martí e auxílio direto das tropas norte-americanas, Cuba declarou a formação de um Estado independente em 1898 com a assinatura do Tratado de Paris. Durante os próximos 50 anos a política cubana ficou marcada pelo forte intervenção norte-americana, inclusive com uma mecanismo legal, a Emenda Platt, que assegurava o direito de intervenção dos Estados Unidos no país. Em 1950 o general Fulgêncio Batista empreendeu um regime ditatorial marcado pelo apoio dos EUA. Enquanto a população sofria com graves problemas sociais, Fulgêncio garantia que os interesses dos EUA fossem atendidos, sempre reprimindo violentamente os inimigos políticos e negligenciando as necessidades básicas do povo cubano. Neste cenário, surge um pequeno grupo sob as lideranças de Fidel Castro, Camilo Cienfuegos e Ernesto "Che" Guevara, que espalha uma série de conflitos armados contra o governo por todo o território de Cuba. Em 1959, após conquistar diversas cidades, os rebeldes conseguiram acabar com o governo de Fulgêncio Batista e estabelecer um novo regime pautado na melhora das condições sociais da população.



heroísmo nas montanhas, ex-líderes estudantis com a desprendida generosidade de sua juventude- os mais velhos mal tinham passado dos trinta-, um povo exultante, num paraíso turístico tropical pulsando com os ritmos da rumba. E o que era mais: podia ser saudada por toda a esquerda revolucionária (HOBSBAWN, 1995, p. 427).

Com o cenário de Guerra Fria influenciando as relações internacionais a nível global, o fato de ser uma nação declaradamente aliada a URSS e estar geograficamente posicionada ao lado dos EUA, com apenas uma pequena porção de mar separando as duas nações, tornava Cuba um importante ator do cenário Internacional. Após a emergência do novo modelo pós revolução, Cuba desenvolveu uma política externa que buscava garantir e consolidar as mudanças internas que o novo regime realizou. Por consequência, as diretrizes da política externa cubana se nortearam no enfrentamento aos EUA e e na ampliação das possibilidades de consolidação de mudanças internas. Cuba influenciou e apoiou a instauração de diversos processos revolucionários em países considerados de terceiro mundo, principalmente na América Latina e na África. Apesar de não possuir vastos recursos e um poder militar expressivo, fontes tradicionais de Hard Power, Cuba acabou exercendo grande influência política no cenário internacional, participando ativamente em grandes conflitos na segunda metade do século XX. Esta participação ativa de Cuba foi possível através do Soft Power relacionado a imagem revolucionária que o país projetava desde a década de 50, principalmente através de figuras populares e carismáticas como Fidel Castro e Che Guevara.

Entretanto, o fim da URSS em 1991 representou o início da pior crise econômica da história do país. Cuba e a URSS estavam unidas por laços ideológicos e militares. Estes laços influenciaram muito da organização política, econômica e social do país (AYERBE, 2004). O rompimento forçado com a URSS afetou em todos os sentidos a economia da ilha, que era, em grande parte, subsidiada pelos soviéticos. Os indicadores econômicos cubanos entre 1989 e 1995 permitem a percepção da profundidade com que o fim URSS impactou na economia de Cuba:

---

indicadores	1989	1993	1994	1995
Exportações (bilhões de pesos)	5,4	1,1	1,3	1,5
Importações (bilhões de pesos)	8,1	2,0	2,1	2,8
Balança Comercial (bilhões de pesos)	-2,7	-0,9	-0,8	-1,3

---

---

indicadores	1989	1993	1994	1995
Dívida externa (bilhões US\$)	6,2	8,8	9,1	10,5
Taxa de câmbio (pesos por 1 US\$)	7	78	95	32

---

CCE 1991; ONE 1999.

Soma-se ao fim da URSS o endurecimento do bloqueio norte-americano à ilha com a aprovação da Lei Torricelli e da Lei Helms-Burton.<sup>18</sup> De forma inesperada, Cuba perdeu 85% de seu comércio exterior e sua maior fonte de financiamento desapareceu, juntamente com os benefícios em preços e subsídios fornecidos pelo bloco soviético. O efeito foi devastador, os problemas sociais aumentaram, a produção econômica em todos os setores caiu de forma significativa, os transportes foram paralisados e a qualidade de vida da população caiu drasticamente.

Além dos graves problemas internos, o fim da URSS trouxe outra grave consequência para a inserção internacional cubana. Com o colapso dos soviéticos, uma nova ordem internacional se configurou, uma ordem cuja hegemonia pertencia ao maior oponente de Cuba, os EUA. Os norte-americanos emergiram após a Guerra Fria como a única superpotência do planeta, aumentando a política isolacionista sobre Cuba e as diretrizes imperialistas na região caribenha. Diante deste cenário, Cuba enfrentou dois grandes desafios, uma crise interna de legitimidade sem precedentes no processo de construção do regime socialista e a dificuldade de se inserir nesta nova configuração mundial sem uma comunidade parceira com quem estabelecer relações sólidas.

Com um cenário bastante desfavorável, Cuba se viu obrigada a traçar novos planos organizacionais para suas políticas internas e externas, bem como os novos rumos de seu processo revolucionário, adequando seu aparato produtivo, institucional e legal as novas condições que lhe foram impostas.

Ao mesmo tempo em que o governo cubano precisava garantir o apoio da população às reformas para superar a crise, esta também pressionava pela ampliação da participação acerca dos novos rumos do país. Em razão dessa relação dialética garantia de apoio/ demanda popular, a própria posição do governo cubano mudou, passando a difundir

---

<sup>18</sup> Em 3 de fevereiro de 1962, o presidente John F. Kennedy decretou formalmente o bloqueio total do comércio entre os EUA e Cuba. A partir daquele momento o governo norte-americano passou a tomar medidas como a restrição do fornecimento de combustível pelas empresas transnacionais norte-americanas, a paralisação de plantas industriais, a proibição de exportações a Cuba e a supressão parcial, e depois total, da quota de açúcar, objetivando sufocar economicamente a recém-nascida revolução cubana. O bloqueio foi endurecido na década de 90 com as leis Lei Torricelli (1992) e Helms-Burton (1996), através destas leis foram interrompidas as importações cubanas procedentes de subsidiárias norte-americanas em outros países, os navios que atracassem em um porto cubano, não poderiam entrar em um porto dos EUA antes de seis meses e foram autorizadas sanções para atuais e potenciais investidores em Cuba, autorizando ainda o financiamento de ações hostis contra a ilha.

as novas ideias da revolução sobre a democracia. Houve uma série sem precedentes de consultas à população, como os chamados “parlamentos de trabalhadores”, instituídos por todo o país para discutir os problemas e sugerir soluções para o país. A eles se seguiu, em 1991, um Congresso do Partido Comunista, no qual decisões-chaves foram tomadas para delinear a estratégia do governo ao longo da década de 1990. Nele, pela primeira vez, permitiu-se que pessoas de diferentes convicções religiosas figurassem abertamente nos quadros do partido. Além disso, a Constituição de 1976 foi modificada em 1992 e o sistema eleitoral cubano sofreu alterações. (FEITOSA, p.31-32, 2011)

Teve início um período conhecido oficialmente como “Período Especial em Tempos de Paz” derivado da expressão “Período Especial em Tempo de Guerra”, nome dado ao plano cubano a ser utilizado em um eventual conflito entre os EUA e a URSS. Neste cenário, Cuba estaria completamente bloqueada, o governo então articulou um método de contingência para assegurar uma resposta coordenada à escassez de alimentos e combustíveis. Não houve um conflito, mas o colapso soviético significou condições semelhantes àsquelas que os cubanos haviam projetado, com a única diferença de que os tempos eram de paz.

## 5.1 O Soft Power Cubano e a Diplomacia Social

Embora o caráter revolucionário de Cuba ainda possua elementos sedutores e atrativos, exercendo até mesmo nos dias de hoje influência cultural na América Latina, é nítido que o Soft Power do país se enfraqueceu nesse sentido após o fim da URSS. Surge na década de 90 uma nova estratégia de cooperação internacional que busca mesclar elementos fundamentais da Revolução Cubana com uma inserção no recém formado plano internacional. O exercício de Soft Power por parte de Cuba não mais acontece com base em suas capacidades revolucionárias e militares. O Estado cubano utiliza como meio de propagação de poder a proteção estatal que, apesar dos problemas, conseguiu solucionar grande parte dos problemas que atingem os países da periferia, garantindo acesso à saúde, cultura, esporte e educação para toda a população, minimizando os efeitos da desigualdade social. Através dessa nova perspectiva de Soft Power, Cuba construiu relações e acordos bilaterais com mais de 150 países, mesmo com as dificuldades do embargo norte americano e o relativo isolamento físico. Por exemplo, no ano de 2011, Cuba possuía mais de 42.000 trabalhadores espalhados em mais de 100 países.<sup>19</sup>

Conciliando internacionalismo e cooperação fundamentada nos serviços de destaque no período revolucionário (principalmente educação, saúde, esporte e cultura),

<sup>19</sup> Números consultados em [www.emba.minrex.cu](http://www.emba.minrex.cu)

Cuba desenvolveu o conceito de Diplomacia Social, ganhando novos elementos de Soft Power. (SILVA, JOHNSON & ARCE, 2014)

O conceito de Diplomacia Social implica, primeiramente, na constatação de que Cuba desenvolve uma estratégia de cooperação ampla, alicerçada nas áreas sociais que obtiveram êxito pós revolução. Também implica que a nova cooperação não se desenvolve mais pela atuação de grandes líderes, mas sim pela atuação em áreas civis e em situações de extrema pobreza ou desastres naturais. O objetivo central da política externa cubana passa a ser, mais do que nunca, garantir a sobrevivência do regime em suas dimensões fundamentais. Segundo Alzugaray (2003), ocorre uma redefinição do interesse nacional cubano que antes se orientava buscando a manutenção da segurança e o desenvolvimento do país. Esta orientação, apesar de romper com o isolamento diplomático e contribuir para o estabelecimento de laços em todos os continentes, manteve o país dependente e vulnerável, tornando-se ineficaz com o fim da ordem que a gerou. Nas palavras de Alzugaray (2003), a nova orientação de interesse cubana pode ser definida da seguinte maneira:

Manter a independência , a soberania , autodeterminação e segurança da nação cubana , sua capacidade de assumir seu próprio governo popular, democrático e participativo com base em suas tradições, com um sistema econômico-social próspero e justo e que , por sua vez , permitirá proteger a sua identidade cultural e seus valores sócio-políticos e projetá-los para a arena mundial , com um nível de destaque de acordo com o seu verdadeiro potencial como membro efetivo de uma sociedade internacional<sup>20</sup>. (p.17)

A Diplomacia Social permite a projeção de uma imagem positiva em diversos campos, permitindo a captação de recursos em que a atuação dos profissionais cubanos é intercambiada por produtos ou divisas, ou através da cooperação triangular, em que tal atuação é financiada por organismos internacionais, principalmente na área da saúde. Este tipo de ação diplomática, inserida no quadro da política externa do país, permite o desenvolvimento de uma cooperação sul-sul, ainda que tenha presença global, e de uma perspectiva contra-hegemônica, baseada na solidariedade e na inserção crítica ao mundo globalizado. (ERISMAN e KIRK, apud JOHNSON, 2014),

Para Alzugaray (2003), os objetivos cubanos eram claramente identificados de acordo com seus interesses nacionais, que naquele momento (década de 90) era focado especificamente em neutralizar a política tradicional norte-americana e resta-

<sup>20</sup> Mantener la independencia, soberanía, autodeterminación y seguridad de la nación cubana, su capacidad de darse un gobierno popular, democrático y participativo propio basado en sus tradiciones, con un sistema económico-social próspero y justo, y que, a su vez, le permita proteger su identidad cultural y sus valores socio-políticos y proyectarlos en la arena mundial con un nivel de protagonismo acorde a sus posibilidades reales como miembro efectivo de la sociedad internacional.

belecer sua hegemonia sobre a ilha, sem fazer concessões de sobre sua soberania, autodeterminação, o modelo socialista e as diretrizes de sua política externa. Desta forma, é possível concluir que a política externa cubana visava, também, superar os problemas impostos pelo conflito com os EUA e o questionamento de seu modelo político, através de um processo de desideologização no âmbito interno e a adoção de uma postura pragmática no trato com os demais países, uma vez que os objetivos visavam a superação da grave crise econômica, do isolamento diplomático e a tentativa de uma reinserção econômica.

Como foi dito anteriormente, a diplomacia cubana se desenvolveu fundamentada nas áreas em que Cuba obteve grandes avanços sociais, mais especificamente educação, saúde, cultura e esporte. No campo educacional Cuba constituiu um de seus pilares fundamentais, com o Estado assumindo um compromisso vital junto à população. Este compromisso é assumido de forma legal desde 1976, através de diversos artigos da Constituição que apresentam os princípios e objetivos para a educação, segundo os quais é preciso que o "Estado Socialista, como poder do povo [. . .] garanta [. . .] que não haja nem uma criança que não tenha escola, alimentação e vestimenta; que não haja jovem que não tenha a oportunidade de estudar; que não haja pessoa que não tenha acesso ao estudo, à cultura e ao esporte. . ." enquanto "orienta, fomenta e promove a educação, a cultura e as ciências em todas suas manifestações".(Assembleia Nacional do Poder Popular: Constitución de la República de Cuba. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 2003. p.10-11)

O Sistema Nacional de Educação é estruturado integralmente pelo Estado, ainda que com o respaldo e participação de toda a população, da seguinte forma:

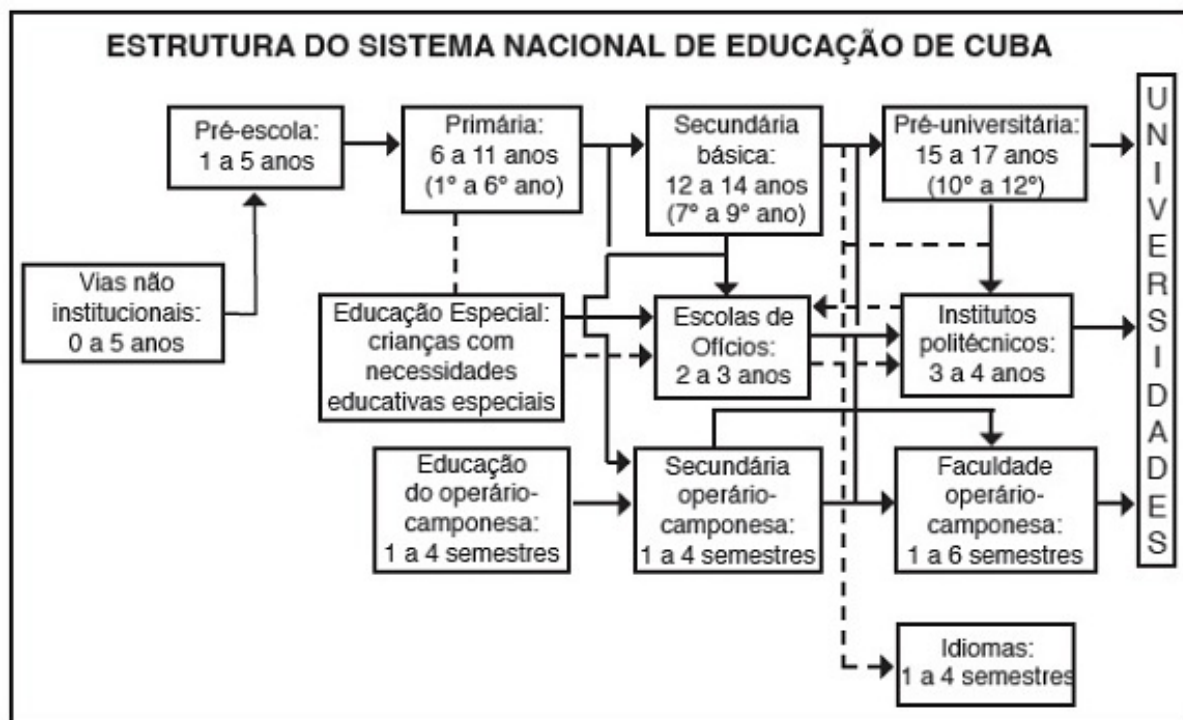


Figura 1 – Estrutura do Sistema Nacional de Educação de Cuba.

LÓPEZ, Margarita Quintero. A educação em Cuba: seus fundamentos e desafios. 2011.

Nos últimos 50 anos, Cuba apresentou resultados louváveis, dos quais destacam-se a erradicação do analfabetismo, a criação de escolas em todo o país, bem como a formação de professores por toda a ilha, consolidação do Sistema Nacional de Educação e a ampliação na quantidade e qualidade das universidades. Com resultados tão expressivos, é natural que Cuba se apoie em seu sistema educacional como um mecanismo de política externa. Além da oferta de bolsas e cursos nos mais variados segmentos do conhecimento, o principal projeto educacional dentro da diplomacia social cubana é a criação da Escola Latino Americana de Medicina (ELAM), em 1999. A ELAM atende estrangeiros de mais de 100 países, com foco nos estudantes de áreas mais pobres, que normalmente não teriam acesso ao ensino superior em seus países de origem.

Além da atenção dispensada nos âmbitos educacionais e médicos, para uma total compreensão da política de internacionalização cubana, devemos observar também as políticas cubanas para o esporte e a educação física. Em conjunto, estes programas esportivos cubanos ilustram os vários objetivos e valores do internacionalismo esportivo cubano, a colaboração, a cooperação, o desenvolvimento, a defesa dos interesses nacionais e a geração de receitas. (HUIH, DARNELL, 2014).

A Diplomacia esportiva de Cuba é fundamentada em três canais. Primeiro, através do Instituto Nacional de Esportes, Educação Física e Recreação (INDER), milhares

de trabalhadores (técnicos e educadores físicos) trabalham com outros órgãos cubanos em áreas marginalizadas ao redor do planeta. Um exemplo é o programa "Barrio Adentro" na Venezuela, onde médicos e profissionais ligados ao esporte se unem para oferecer serviços a população carente venezuelana. Segundo, a Escola Internacional de Educação Física e Esporte (EIEFD) capacita profissionais de diversas nacionalidades para atuar em áreas marginalizadas. A escola já recebeu alunos de mais de 70 países, que retornaram aos seus países de origem e auxiliaram na construção de programas sociais esportivos locais. Terceiro, o INDER contrata centenas de seus próprios treinadores especialistas para estudar e trabalhar em vários países, com o objetivo melhorar o seu desempenho no esporte de elite internacional, mas também como uma forma de arrecadar fundos. (HUISCH, DARNELL, 2014)

Desta maneira, ainda que bem diferente do período entre 1959 e 1991, a Revolução Cubana continua a exercer um poder de influência e de atração nos jovens de todo o mundo, utilizando seu pilar social (esporte, educação e saúde) como método de cooptação de recursos financeiros e políticos ao redor do globo. Ao longo dos anos após o fim da URSS, Cuba retomou relações, conseguiu estabelecer uma série de acordos e tratados, tanto muti como bilaterais, adquiriu novas fontes de prestígio internacional, fatos que já não nos permitem falar em isolamento internacional.

## **5.2 O papel do Esporte na internacionalização cubana**

Cuba é, sem dúvida alguma, uma grande potência esportiva, seus resultados à nível internacional a credenciam como tal. Em termo continentais, Cuba tornou-se, em 1991, o segundo país a ficar a frente dos EUA nos jogos Panamericanos. Manteve-se em segundo nos Jogos Pan-Americanos em 1995, 1999, 2003, 2007 e 2011. O auge esportivo da pequena ilha ocorreu nas Olimpíadas de Barcelona em 1992, quando Cuba conseguiu o quinto lugar no quadro geral de medalhas. Nos últimos jogos, no Rio de Janeiro, Cuba não obteve resultados muito expressivos, ficou em 18º, mas ainda sim ficou a frente de países tradicionais como Argentina, Canadá e México.

Antes da Revolução, Cuba só obteve resultados expressivos em duas modalidades, Boxe e Baseball, esportes até hoje muito populares em território cubano, mesmo com alguns de seus principais atletas imigrando para os EUA. Após a Revolução, Cuba e os EUA assumiram posturas conflitivas e, logo de início, os EUA limitaram o fluxo migratório entre os dois países, enquanto Cuba baniou os clubes profissionais em 1961. O objetivo principal foi eliminar os clubes que forneciam atletas de ponta para o esporte norte americano. No mesmo ano, Cuba estabeleceu o INDER como um ministério responsável tanto pelo esporte à nível de elite, como pelo desenvolvimento no esporte à nível comunitário. Os atletas de elite recebiam pequenos salários e partici-

pavam do desenvolvimento local do esporte dando aulas nas escolas e trabalhando em projetos comunitários. (HUISCH, DARNELL, 2014)

O INDER teve um papel fundamental na disseminação do esporte por toda a população. O esporte no pré revolução enfatizava a divisão de classes, onde somente as elites tinham acesso aos esportes mais populares (Basseball, Boxe e Natação). Com a elevação do INDER como Ministério, a estrutura elitista se dissolveu, foram criados centros de treinos públicos e garantidas oportunidades para todos que quisessem participar não importando a classe social.

O INDER se estabeleceu, principalmente, devido a crença do governo de que o esporte poderia ser harmônico com o sentimento nacionalista, e que os atletas de elite poderiam alcançar a compensação moral e material dentro de Cuba e não apenas no exterior. (POINTU E FIDANI, 1975) Os clubes de Baseball foram nacionalizados, os salários não eram elevados como nas ligas americanas ou mesmo outras ligas nacionais da América, mas o INDER criou uma política de participação de atletas na administração do próprio Ministério, bem como a participação popular local nas diretorias regionais. Em 1975, Cuba já possuía mais de 20.000 agentes estatais espalhados pelo país na área esportiva, assim como o esporte a educação física conseguiram atingir um patamar nacional, mesmo em áreas rurais e periféricas. A maioria dos países com resultados satisfatórios à nível global possui um modelo similar de investimento e estrutura. Os investimentos se concentram diretamente nos atletas de elite, gerando impacto em uma pequena camada de atletas. Estes países esperam, desta forma, obter bons resultados internacionalmente, trazer a atenção do grande público e, conseqüentemente, inspirar a participação da população local. Cuba segue uma política com fluxo diferente, a prioridade do INDER permanece sendo o incentivo popular através de programas locais que, eventualmente, evoluem para o esporte de alto rendimento. O incentivo ocorrer de duas maneiras. Primeiro, o esporte é obrigatório na grade escolar do segundo ano primário até o primeiro ano universitário. Segundo, Cuba desenvolveu um programa nacional chamado de "Areas Deportivas", em sua maioria as atividades são praticadas recreativamente, no entanto, os jovens que se destacam são recrutados para participar dos programas de alto rendimento. Como todos os atletas de elite começam em programas recreativos ou escolares, a posição oficial do INDER é de que os resultados alcançados internacionalmente dentro das grandes competições representa o potencial, o talento, a força e saúde física de toda a nação cubana. O governo cubano entende o esporte de elite como resultado de um sistema público forte e universal. (HUISCH e DARNELL, 2014)

A principal diferença da perspectiva esportiva em Cuba para a perspectiva do resto do mundo é forma contra hegemônica com que Cuba entende o esporte internacional. Enquanto que para todo o planeta o esporte internacional é visto com



o objetivo de alcançar novas conquistas, sejam elas coletivas ou individuais, o programa esportivo cubano pós revolução posiciona os valores esportivos dentro dos processos de solidariedade e cooperação internacional. É interessante observar que os profissionais de Cuba enfrentam frequentemente profissionais treinados em Cuba ou por cubanos, durante os Jogos Olímpicos ou os Jogos Panamericanos. Ao treinar e fortalecer os adversários, Cuba parece muito mais interessada na disseminação dos valores e conhecimentos adquiridos no esporte e na educação física, do que se impor internacionalmente ou com um sentimento de dominação nacional. (HUISCH e DARNELL, 2014)

Com uma base esportiva sólida e desenvolvida, é natural que o esporte seja um dos elementos do internacionalismo cubano. Durante o período em que a URSS rivalizava com os EUA sobre o controle de influência global, Cuba enviou profissionais da área para diversos países do bloco soviético para participar dos programas educacionais locais. Com a queda da URSS, Cuba manteve a tradição e continuou colaborando com programas sociais ao redor do planeta, mantendo seus profissionais como professores e estudantes. Em comparação com as cerca de 100 brigadas internacionais de saúde, vemos que o esporte possui um número bem inferior de agentes internacionais, no entanto, os profissionais de Cuba possuem um alcance superior. Atualmente Cuba interage com cerca de 60 países através das brigadas internacionais de saúde e cerca de 100 países com os profissionais do esporte.

É importante ressaltar que nem todos os atletas profissionais compartilham da mesma ideologia e modelo do INDER, não são raros os casos de atletas que deixam Cuba em busca de lucros maiores em contratos profissionais com outras ligas nacionais. Aroldis Chapman<sup>21</sup> e Yuniesky Betancourt<sup>22</sup> são exemplos de jogadores que alcançaram um patamar elevado nas ligas norte americanas. Ainda assim, é curioso como o sentimento de solidariedade latino americano é notável até mesmo nos atletas que saíram de Cuba em busca de melhores contratos. Um caso emblemático é o de um grupo de jogadores de futebol exilados que atua na Major League Soccer (MLS) e que organizou um evento beneficente para arrecadar fundos e colaborar com as vítimas do terremoto que devastou o Haiti em 2010.

Também vale ressaltar que a sustentabilidade do modelo esportivo cubano está diretamente relacionada à sua política econômica. Em 2010, Raul Castro<sup>23</sup>, após o

<sup>21</sup> Albertín Aroldis Chapman de la Cruz, nascido em 28 de fevereiro de 1988, é um jogador profissional de baseball que nasceu em Cuba e se naturalizou nos EUA. Atualmente atua pelo New York Yankees na Major League Baseball (MLB). Anteriormente jogou pelo Cincinnati Reds e pelo Chicago Cubs na MLB, além de atuar no Holguín pela liga nacional cubana.

<sup>22</sup> Yuniesky Betancourt Pérez nasceu em 31 de janeiro de 1982 e é um jogador aposentado da MLB. Betancourt atuou pelo Milwaukee Brewers, Seattle Mariners e Kansas City Royals. Em Cuba, atuou Villa Clara antes de desertar.

<sup>23</sup> Raul Castro é o irmão mais jovem do ex-presidente cubano Fidel Castro. Ocupa atualmente o posto da presidência do Conselho de Estado da República de Cuba.

Sexto Congresso do Partido Comunista<sup>24</sup>, iniciou uma série de reformas econômicas. O governo cubano declarou que não era mais viável manter a política paternalista que perdurou por todo o período pós revolução. O principal ponto de mudança foi a liberação de mais de 300.000 licenças de negócios privados, garantindo que os próprios cidadãos administrassem e gerissem alguns negócios como pequenos restaurantes, mercados, lojas e outros pequenos serviços como táxi e jardinagem.

Huiss e Darnell sugerem que essas mudanças de diretrizes econômicas podem ser vistas de duas maneiras. A primeira é que foi uma manobra interessante do governo cubano para arrecadar mais impostos com atividades que já eram realizadas no mercado paralelo. A outra, demonstra preocupação com o futuro das políticas públicas universais do governo, uma vez que, com o governo oferecendo menos serviços, é natural que necessite de menos servidores estatais, fato que pode gerar um grave colapso econômico. Michell Chase acredita ainda que pode haver também uma perda de qualidade dos atletas cubanos, uma vez que, com as mudanças, muitos podem optar por trabalhar com os serviços que agora foram liberados e diminuir as práticas esportivas como atividade profissional. No entanto, Huiss e Darnell não acreditam que as mudanças nas diretrizes econômicas possam irão influenciar o curso do processo de internacionalização de Cuba, em particular a diretriz baseada no esporte. Para os autores, o projeto de Cuba ainda garante aos profissionais bons contratos e a chance de aperfeiçoamento por todo o planeta, garantindo bons salários e o desenvolvimento de uma carreira na área e no setor público. Além disso, as parcerias estabelecidas com outros países, principalmente China, Brasil e África do Sul, são fontes preciosas de renda direta e de poder de influência, tanto para o INDER como para o governo. Portanto, é improvável que Cuba altere seu programa de atuação internacional.

### **5.3 Conclusão - O esporte como ferramenta política cubana**

Considerando o esporte como um elemento integral da política externa de Cuba, três tendências podem ser observadas. A primeira, o papel que o esporte desempenha no sentimento cultural nacional. Como força cultural e princípio organizacional, o nacionalismo não pode ser subestimado em Cuba. Tanto para os que apoiam o governo revolucionário, como para os que são críticos, a noção de autonomia e independên-

<sup>24</sup> O primeiro Congresso do partido em 14 anos, a data escolhida foi, intencionalmente, o dia em que completou-se 50 anos da batalha da Baía dos Porcos, evento emblemático na história do país. A Invasão da Baía dos Porcos (conhecida em Cuba como La Batalla de Girón ) foi uma tentativa frustrada de invadir o sul de Cuba empreendida em abril de 1961 por um grupo paramilitar de exilados cubanos anticomunistas (a chamada Brigada de Asalto 2506). O grupo fora treinado e dirigido pela CIA, com apoio das forças armadas americanas. O objetivo da operação era derrubar o governo de Fidel Castro.

cia são raramente questionadas. A cultura do esporte em Cuba é sustentada pelo rendimento em alto nível, mas diretamente relacionada a força da unidade nacional, em oposição ao alto rendimento como um produto das capacidades individuais. O alto rendimento dos atletas de elite e a participação universal na cultura do esporte reforçam o ideal de autonomia nacional. Sendo assim, é impossível dissociar o esporte da narrativa nacional e, por extensão, da política externa de Cuba. (HUISCH e DARNELL, 2014)

A segunda tendência é relacionada ao potencial de crescimento de receitas das colaborações internacionais. Com as pressões do, ainda vigente, embargo cubano e a diminuição orçamentária no âmbito interno, Cuba não tem outra opção que não seja manter os acordos internacionais e buscar novas fontes neste sentido. Com a abertura e a liberação de licenças para negócios privados, crescem os rumores e a pressão para que Raúl Castro possa, num futuro breve, entregar alguns setores mais amplos da economia para a iniciativa privada (RITTER, 2010). Seja qual for as diretrizes que Raúl Castro determine, é certo que os programas de internacionalização cubana, sejam eles na área da saúde, educacionais ou do esporte, serão mantidos como a principal fonte de recurso financeiro e político no cenário internacional.

A terceira tendência diz respeito a forma como Cuba enxerga o poder de atuação do esporte e como essa visão contra hegemônica se espalha nas relações Sul-Sul. Enquanto diversas instituições enxergam no esporte uma como um meio de promover o bem-estar individual entre os mais pobres e países menos fortalecidos, o cenário cubano sugere uma aproximação cooperativa no eixo Sul, que posiciona o esporte como uma ferramenta capaz de superar desafios estruturais mais amplos à nível local. Países como México, Venezuela e Brasil contam com os tradicionais programas esportivos que focam nas peculiaridades individuais, mas também já possuem laços estabelecidos com Cuba na busca do acesso universal ao esporte. Enquanto as organizações tradicionais raramente buscam alterar estruturas desiguais, as relações bilaterais estabelecidas com Cuba e outros países do eixo Sul sugerem uma alternativa mais complexa no desenvolvimento de estratégias. A tendência é que Cuba continue a exercer um importante papel no desenvolvimento e implementação dessas estratégias. (HUISCH, DARNELL, 2014)

Por fim, a característica mais peculiar do programa de internacionalização cubano é que o esporte é considerado uma importante, e explícita, ferramenta de política externa e desenvolvimento, ao invés de um veículo direcionado para o cumprimento de objetivos específicos e individualizados. Cuba posicionou o esporte em um patamar de mecanismo de suporte e sustentação de projetos que miram a diminuição da pobreza e do subdesenvolvimento sob muitas perspectivas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os eventos expostos até aqui, foi possível observar que, na atualidade, a relevância das manifestações esportivas transpõe a esfera recreativa, repercutindo em segmentos alheios a arena esportiva, mais complexos e práticos, que permitem definir o esporte como, por exemplo, seu setor industrial provedor de bens e serviços e gerador de empregos, propulsor de turismo e instrumento difusor de marketing internacional. Lazer individual ou coletivo e espetáculo performático de massas, o esporte, como fenômeno social, é matéria e modelagem útil aos educadores para assegurar a formação da personalidade, a cultuação dos valores comunitários e do espírito combativo da sociedade.

Não há dúvidas que o esporte foi, durante décadas, negligenciado dentro dos estudos das Relações Internacionais, sobre isso:

No entanto, a dimensão esportiva das relações internacionais, muitas vezes, ainda, não desempenha quase nenhum papel na formação no campo da disciplina. Poderíamos esperar não encontrar nenhuma menção ao esporte em alguma coleção com o nome de Clássicos das Relações Internacionais, mas parece estranho não encontrar nenhuma referência ao assunto em monografias e compêndios recentes, como, por exemplo, os manuais *International Relations*, de Michael Nicholson, e *International Relations*, de William Nester. Uma honrosa exceção poderia ser o livro *International Relations*, de Joshua Goldstein, que faz apenas duas referências a organizações internacionais do esporte em uma obra de mais de 600 páginas (ALLISON; MONNINGTON apud ALLISON, 2005, p. 5).

Entretanto, os acontecimentos históricos demonstram que o esporte e seus megaeventos esportivos, em meio a grandes guerras e aos mais variados conflitos, foram capazes de agir como instrumentos fortalecedores de ideologias e catalizadores de consolidação de identidades nacionais. Portanto, é incoerente não estabelecer o esporte como um objeto relevante de estudos. O nível de eficiência do esporte como instrumento de *Soft Power* não é facilmente mensurável, uma vez que é de um caráter altamente subjetivo, porém, é impossível negar as ramificações políticas e o alcance além da arena esportiva encontrados no esporte. A nível estatal, importa não apenas a noção de prática recreativa, ocupacional ou competitiva da educação física e das manifestações atléticas, mas deve imperar o conceito de política de esporte, ou seja, o planejamento e a utilização da atividade sportiva no quadro das orientações público-administrativas prioritárias, inclusive quanto à prevalência de interesses nacionais e à formação de imagem externa positiva. O resultado reconhecível é a validação do

esporte na disputa por protagonismo, por poder legitimado, prestígio conquistado e projeção mundial.

Foi também demonstrado que nas operações de grandes corporações transnacionais e no panorama político-público internacional, o esporte fortalece bases de contatos, concorrências, contratos privados e instrumentais de relacionamentos interestatais. O esporte pode, portanto, representar um prolongamento da própria política. A diplomacia do pingue-pongue usada para aproximar os Estados Unidos da República Popular da China, os históricos confrontos entre soviéticos e norte-americanos por medalhas olímpicas, coroas das virtudes dos respectivos regimes, e as complexas negociações bilaterais e parlamentares esquadrihadas na disputa para sediar uma Copa do Mundo ou Olimpíada, entre tantos exemplos, mostram que o esporte pode mesmo ser também continuação da política por outros meios.

A exposição do caso cubano é o exemplo perfeito de como o esporte pode ser uma excelente ferramenta política de promoção internacional e fonte de prestígio. Este trabalho procurou entender de qual maneira o Estado cubano se projeta internacionalmente com base na sua política esportiva. Para tanto, consideramos que, com as mudanças no cenário internacional, Cuba se viu obrigada a realizar uma série de mudanças em suas diretrizes. O Estado cubano aprimorou suas relações interestatais e tornou suas relações menos conflituosas. Com o aprimoramento do *Soft Power* cubano, observamos o desenvolvimento de uma Diplomacia Social baseada nas potencialidades do país (educação, saúde e esporte). Cuba conseguiu superar as dificuldades advindas com o fim da URSS e, conseqüentemente, seus aportes financeiros, fortalecendo laços, estabelecendo novas relações bilaterais e diversificando seus parceiros comerciais, garantindo assim sua sobrevivência.

Portanto, observa-se que o esporte pode sim ser uma ferramenta viável de consolidação nacional e promoção internacional. Quando apoiado em políticas públicas coerentes, o esporte pode, assim como já é, ser utilizado como instrumento primário na obtenção de *Soft Power*. Em tempos atuais, com o desenvolvimento das relações interestatais através de Organizações Internacionais, em que prevalecem tratados e alianças políticas sob as situações de constante conflitos, onde o cenário internacional torna cada vez menos atraentes abordagens exclusivamente diretas e coercitivas, uma ferramenta como o esporte mostra-se valiosa dentro desta nova abordagem para com as relações de poder e a forma com que os Estados exercem suas influências.

Como assunto, fato, fenômeno internacional, o esporte compartilha caracteres com outras expressões da sociedade mundial, mas é o único que consegue reunir tantas virtudes indisputáveis. As manifestações esportivas de massa merecem ampla cobertura, como grandes Conferências temáticas, mas têm maior visibilidade, alcance, penetração e ideário universal, dispensando ou diluindo a fricção de interesses políticos

diretos; o esporte é importante fonte de riqueza econômica, como o petróleo, por exemplo, mas tem a faculdade de potencialmente paralisar ou prevenir guerras enquanto que, pelos preços, poços e rotas do ouro negro, podem espocar batalhas, comerciais ou mesmo bélicas. Por isso o reconhecimento do esporte também como elemento estabilizador e promotor da paz. (VASCONCELLOS, 2012)

O poder do esporte, enquanto agente universal, transcende as barreiras geográficas, linguísticas e culturais, e, como tal, assume premissas e funções que vão além das questões competitivas e puramente esportivas, age para projetar a aproximação dos povos, fortalecer a vitalidade de negócios, a comunicação social, a conquista de afinidades e prestígio. Portanto, cabe aos países maior atenção ao esporte dentro de uma política de promoção nacional, ao mesmo tempo em que é possível projetar maior relevância dada ao tema dentro dos estudos das Relações Internacionais.